

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Ângela Cristina Sthamer Gieseler

**As dificuldades de aprendizagem de Vitor:
aprofundando seus fatores e buscando possíveis soluções**

Porto Alegre
1. Semestre
2013

Ângela Cristina Sthamer Gieseler

**As dificuldades de aprendizagem de Vitor:
aprofundando seus fatores e buscando possíveis soluções**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Vellinho Corso

Porto Alegre
1. Semestre
2013

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Aos meus pais, que estiveram sempre presentes e me auxiliaram a lidar melhor com todos os sentimentos ambíguos relacionados a um trabalho com este: de angústia, de dúvidas e de alegrias que o desenrolar não apenas de um TCC, mas do curso em si, proporciona. Eles foram sempre meu ponto de referência e de acolhimento, ao qual sei que sempre poderei recorrer nas horas difíceis e para comemorar as pequenas e grandes vitórias.

À minha irmã, muito mais do que uma irmã, minha melhor amiga, que compartilhou comigo este momento e muito outros ao longo de toda a caminhada da Pedagogia, estando sempre presente e disposta a ajudar, me auxiliando neste trabalho também com suas dedicadas revisões.

À minha orientadora, Prof. Dra. Luciana Vellinho Corso, por estar sempre presente na construção deste trabalho, me acolhendo carinhosamente e contribuindo de forma objetiva e inteligente, mas também tranquilizadora, neste percurso. Tê-la como orientadora foi, sem dúvida, um dos meus melhores presentes!

À escola do município de Novo Hamburgo e à professora titular da turma do 4º ano em que estudava o Vitor, por terem me recebido tão bem, me auxiliando sempre que necessário, contribuindo de forma a possibilitar não só o sucesso deste trabalho, mas também o que foi obtido na melhora das dificuldades deste aluno.

Ao Vitor e seus familiares, por toda a atenção, empenho e disponibilidade com que me receberam. Sem vocês, este trabalho não teria sido possível, nem alcançado tanto êxito.

Para finalizar, a todos os meus amigos que estiveram presentes, me apoiando nos momentos difíceis e compartilhando comigo os sucessos.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo de caso desenvolvido com um aluno do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Novo Hamburgo que apresenta dificuldades de aprendizagem na área de leitura e de escrita. O acompanhamento deste caso foi iniciado em 2012/1, para a disciplina de Psicopedagogia, e aprofundado neste trabalho. O estudo tem como objetivo investigar os fatores que podem estar causando/agravando tais dificuldades e auxiliar o menino a superá-las, por meio de ações psicopedagógicas planejadas e desenvolvidas com ele. Como forma de coleta de dados, foram realizadas observações na rotina escolar, além de entrevistas com a professora titular, com o aluno e seus pais. As informações obtidas foram fundamentais para a elaboração das intervenções que melhor se adaptassem ao seu caso. A partir das análises feitas, foi possível concluir que as suas dificuldades originam-se de diversos fatores, dentre eles a alfabetização um pouco tardia, a necessidade de alguém mais presente para auxiliá-lo com suas dúvidas e os sentimentos com os quais ele tem de lidar e que parecem estar reprimindo-o: os relacionados às suas próprias particularidades e os advindos das chacotas constantes que ele sofre dos colegas. As intervenções realizadas evidenciaram muito bons resultados. O aporte teórico que embasou este estudo foi encontrado de modo especial em Scoz, Golbert e Moojen.

Palavras-chave: Psicopedagogia; Dificuldades de Aprendizagem em Leitura/Escrita; Ação Psicopedagógica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 O QUE SÃO PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM?	7
2.1 Dificuldades X transtornos	8
3 CUBO DE SYRACUSE: A DIVERSIDADE DE FATORES QUE PODEM INFLUENCIAR NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	10
4 O CASO VITOR.....	16
4.1 Fatores externos	16
4.1.1 <i>Conhecendo um pouco da escola</i>	16
4.1.2 <i>Conhecendo a sala e a turma em que Vitor estuda</i>	17
4.1.3 <i>Conhecendo a professora da turma do 4º ano</i>	19
4.1.4 <i>Conhecendo um pouco do meio familiar de Vitor</i>	25
4.2 Fatores internos	29
4.2.2 <i>O segundo olhar sobre Vitor</i>	30
4.2.3 <i>Refletindo sobre esses dois “olhares”: o que mudou entre um ano e outro?</i>	33
4.2.4 <i>Par Educativo – O que os desenhos do Vitor parecem dizer</i>	36
5 PLANEJAMENTO DA AÇÃO PSICOPEDAGÓGICA	39
5.1 Implementação da ação psicopedagógica	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51
ANEXOS.....	53
Anexo I	53
Anexo II	54

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste de um estudo de caso realizado com um menino de 10 anos, estudante de um 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Novo Hamburgo. Interessei-me pela área da Psicopedagogia porque, no primeiro semestre de 2012, meu sexto semestre do curso de graduação em Pedagogia da UFRGS, realizei um dos estágios obrigatórios do curso em uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental dessa mesma escola municipal. Ao longo deste estágio, tive que realizar concomitantemente um estudo de caso sobre alguma criança que apresentasse dificuldades de aprendizagem para a cadeira de *Psicopedagogia*.

Ao indagar, na época, à professora titular da turma acerca de um possível aluno com dificuldades de aprendizagem a ser observado e “analisado”, a professora me contou que havia vários naquela sala – aproximadamente 6 ou 7 –, mas Vitor foi o aluno ao qual ela deu mais ênfase.

Vitor, na época com 9 anos e cursando o 3º ano do Ensino Fundamental, era um menino muito afetivo, que me recebeu de braços abertos naquela semana de observação. Sempre que podia - e até quando não podia -, vinha me dar abraços e conversar comigo. Sua comunicação verbal e corporal eram muito específicas – segundo a professora, ele tem “perfil feminino, voz mais fina e gesticula como uma menina” -, sendo essas, muitas vezes, as causas de brigas entre ele e outros alunos da escola, que fazem piadas, chamando-o por apelidos pejorativos para homossexual e também porque esses colegas, algumas vezes, não o querem por perto.

Na época, o motivo desta professora ter apontado o Vitor como um aluno com problemas de aprendizagem é que ele apresentava muita *falta de atenção* – principal motivo de reclamação –, o que resultava nas dificuldades em calcular adição e subtração, em compreensão textual, problemas matemáticos, etc.

O fato de Vitor já ter um histórico de dificuldades me fez perceber inicialmente que, mesmo que ele já as apresentasse há algum tempo – segundo a professora, desde a pré-escola –, nunca se procurou achar as suas causas, parecendo que a escola e os pais apenas tentavam “corrigir” as manifestações desse problema, o que seria um grande erro, já que é essencial que *a causa* das dificuldades seja analisada. Como ressaltam Golbert e Moojen (1996), as dificuldades de aprendizagem podem derivar de inúmeros fatores, tanto familiares, escolares e pessoais, sendo que todos eles estão interligados e influem diretamente no processo de ensino-

aprendizagem, sendo que “a produção da criança é o resultado da inter-relação de toda essa rede que constitui o contexto de sua vida” (MACEDO, 1994, p. 199). No entanto, neste ano, ao longo da entrevista com a professora atual desta turma e da minha conversa com a diretora, percebi que, ao contrário do que eu havia pensado inicialmente, Vitor não havia obtido um atendimento especializado no início da sua alfabetização, justamente por, no primeiro ano, essas dificuldades de aprendizagem serem consideradas parte do processo de aprendizagem, sendo passageiras, em muitos casos.

Por este motivo, optei por ser este caso o meu objeto de pesquisa. Por meio de uma pesquisa formativa, espero conseguir investigar os fatores que podem estar causando/piorando as suas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem e alcançar bons resultados através de uma ação psicopedagógica direcionada às dificuldades específicas que ele vem enfrentando na área de leitura e escrita.

Para este trabalho, os principais referenciais teóricos em que me embaso são *Beatriz Scoz*, que muito me ajudou principalmente no âmbito da parte histórica das dificuldades de aprendizagem; *Sônia Moojen*, que estudou a diferença entre transtornos e dificuldades de aprendizagem, auxiliou-me com o planejamento das sessões por meio do *Instrumento de Avaliação Sequencial de Consciência Fonológica – CONFIAS*; e *Clarissa Golbert*, que, junto com Moojen, foi de inestimável importância para a minha compreensão da diversidade de fatores que podem influenciar nestas dificuldades através do Cubo de Syracuse.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro, realizarei uma breve retrospectiva histórica do assunto, além de abordar a diferença entre dificuldades e transtornos; no segundo, explicarei detalhadamente, com base no *Cubo de Syracuse*, os diversos fatores que podem influenciar nas dificuldades de aprendizagem. No terceiro capítulo, inicio o estudo de caso de Vitor, aprofundando e refletindo sobre os fatores externos em sua vida – a escola, a turma, a professora titular e a sua família – através de observações, entrevistas e uma anamnese com os pais, e os fatores internos, aguçando o olhar sobre o que observei e percebi sobre o Vitor em 2012 e 2013, além de realizar uma análise do Par Educativo. Já no quarto capítulo, inicio a Ação Psicopedagógica, descrevendo como pretendo realizar esta intervenção, além de detalhar a sua implementação e comentando os seus resultados. Para finalizar, realizo as minhas considerações finais acerca deste trabalho, acompanhadas de minhas referências e anexos.

2 O QUE SÃO PROBLEMAS DE APRENDIZAGEM?

A questão da *dificuldade de aprendizagem* vem sendo cada vez mais discutida atualmente, tanto por estudiosos (ver, por exemplo, Marchesi, 2006; Golbert & Moojen, 1996; Scoz, 1994), mas também por programas televisivos, jornais e revistas, o que é algo muito positivo, dado que traz à tona problemas que sempre estiveram presentes, mas sobre os quais se sabia e falava muito pouco. Por outro lado, esse debate cada vez mais presente faz com que muitos leigos presumam que entendem muito do assunto, o que leva a “diagnósticos informais”, feitos por pessoas não habilitadas e despreparadas, o que pode, ao invés de ajudar as crianças com problemas, ocasionar dificuldades ainda maiores para elas.

Muito antes de a criança que apresenta certas dificuldades na escola ser encaminhada a um profissional especializado, ela já sofre rotulações tanto dos professores quanto dos seus colegas, sendo vista e apontada como “a criança que não fica parada”, “o aluno-problema”, “indisciplinado”, “hiperativo”, “burro”, “criança que tem problemas neurológicos”, etc. O que muitos não sabem é que, em qualquer sala de aula, existem crianças que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem (GOLBERT e MOOJEN, 1996).

Foi por volta dos séculos XVIII e XIX que as ciências médicas começaram a abordar este assunto. Nessa época, os estudos de neurologia, neurofisiologia e neuropsiquiatria denominavam os pacientes como “anormais”, sendo esta patologia mais tarde transferida dos hospitais para a escola, como lembra Scoz (1994, p. 19). Desta forma, as crianças “que não acompanhavam seus colegas na aprendizagem passaram a ser designadas como ‘anormais escolares’, já que seu fracasso era atribuído a alguma anormalidade orgânica”.

Mais tarde, ainda de acordo com Scoz (1994, p. 20), alguns conceitos e instrumentos psicanalíticos foram incorporados à área médica, modificando, dentre outras questões, a visão sobre as causas das dificuldades de aprendizagem. Desta forma, a psicologia passou a buscar no ambiente sócio-familiar as causas dos desajustes das crianças. Com essa adaptação, as crianças que apresentavam problemas de adequação ou de aprendizagem passaram a ser chamadas de “crianças-problema”, e não mais de “crianças anormais”.

Com o avanço dos estudos, foi-se percebendo que existem inúmeros fatores responsáveis pelas dificuldades e até mesmo pelo fracasso escolar. É importante dizer que, em muitos casos, esses não estão relacionados a fatores orgânicos, inerentes à criança, como se acreditava até as décadas de 70 e 80.

2.1 Dificuldades X transtornos

As dificuldades de aprendizagem são resultantes de diversos fatores e possuem diferentes escalas de intensidade ou gravidade. Para que as crianças com dificuldades recebam as intervenções corretas, é preciso que se identifique de forma o mais precisa possível o nível ou a categoria destas dificuldades. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

As manifestações de dificuldades de aprendizagem na escola apresentam-se como um contínuo, desde situações leves e transitórias que podem se resolver espontaneamente no curso do trabalho pedagógico até situações mais graves e persistentes que requerem o uso de recursos especiais para a sua solução. Atender a esse contínuo de dificuldades requer respostas educacionais adequadas envolvendo graduais e progressivas adaptações do currículo. (BRASIL, 1998, p. 33)

Essas dificuldades de aprendizagem podem ser classificadas em duas categorias: dificuldades (transitórias e severas) ou transtornos.

Muitas vezes, as crianças apresentam apenas algo transitório, “oscilações no rendimento escolar relacionadas a aspectos evolutivos do aluno ou decorrentes de metodologia inadequada, de padrões de exigência da escola, de falta de assiduidade do aluno e de conflitos familiares eventuais (MOOJEN; DORNELES; COSTA, 2003, p. 108), estando presente apenas em uma determinada etapa de sua escolarização, algo que, com um trabalho pedagógico direcionado e complementar, estará solucionado. Para que essas manifestações sejam superadas, como explica Corso (2008), o apoio da escola e da família são fundamentais.

Todavia, há casos em que também se pode estar diante de uma dificuldade severa ou até mesmo de um transtorno. Ao falar de transtornos, temos a definição trazida pela Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento do CID-10 sobre o transtorno específico do desenvolvimento das habilidades escolares (TEDHE):

[...] compreendem grupos de transtornos manifestados por comprometimentos específicos e significativos no aprendizado de habilidades escolares. Estes comprometimentos no aprendizado não são resultado direto de outros transtornos (tais como retardo mental, déficits neurológicos), embora eles possam ocorrer simultaneamente em tais condições. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1993, p. 237)

De acordo com Moojen (1999), as dificuldades que as crianças com transtornos de aprendizagem apresentam são mais persistentes e não são completamente curáveis, mesmo

com um trabalho mais direcionado, ou seja, estas dificuldades acompanharão o aluno sempre, não apenas na infância e adolescência, mas por toda a vida.

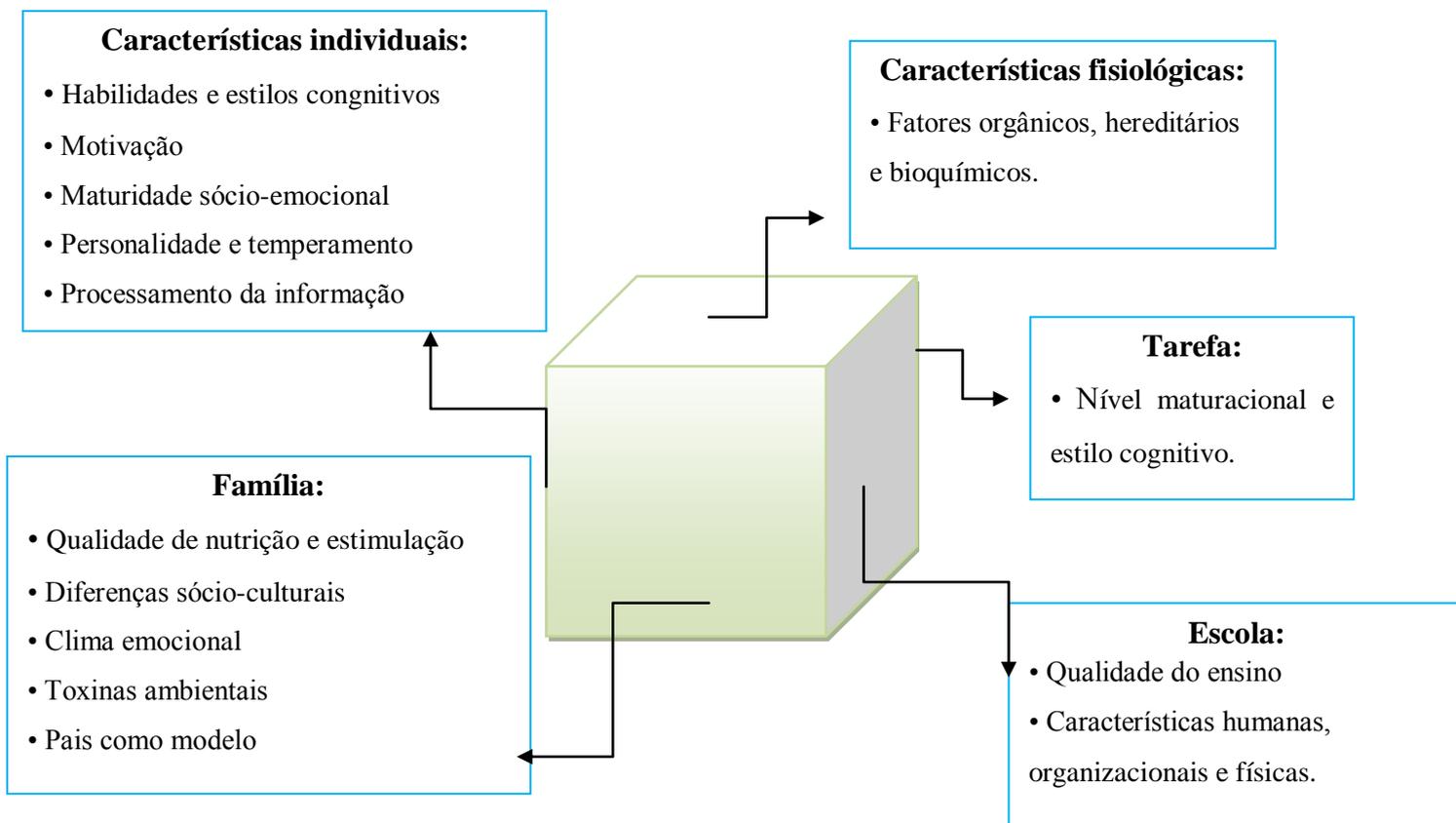
Esses transtornos, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-IV, “[...] são diagnosticados quando os resultados do indivíduo em testes padronizados e individualmente administrados de leitura, matemática, ou expressão escrita estão substancialmente abaixo do esperado para a sua idade, escolarização ou nível de inteligência” (DSM-IV, 1995, p. 46). Ou seja, os transtornos são diagnosticados quando há uma discrepância significativa entre o seu desempenho escolar e o seu QI.

Por uma dificuldade de aprendizagem ser algo bastante complexo, que envolve inúmeras testagens e a investigação de todos os fatores determinantes do sucesso ou fracasso escolar, cabe a um profissional especializado dar o seu diagnóstico. Como dito anteriormente, devem-se evitar a qualquer custo os diagnósticos precipitados, os quais muitas vezes acabam rotulando a criança precipitadamente.

3 CUBO DE SYRACUSE: A DIVERSIDADE DE FATORES QUE PODEM INFLUENCIAR NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

O cubo de Syracuse é uma ótima representação desenvolvida por Corine Smith (1986, apud GOLBERT E MOOJEN, 1996, p. 85) para representar os fatores responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem. Quando se observa um cubo, o vemos como um todo, algo global, já que não olhamos para um dos lados isoladamente, mas sim para o conjunto. Por isso, ele é uma representação perfeita das dificuldades de aprendizagem, que também devem ser vistas sobre todas as perspectivas, de uma forma global, já que são diversos os fatores - diversas faces do cubo - que podem causá-las.

Para que se possam compreender um pouco melhor esses fatores etiológicos, tão relevantes no sucesso ou fracasso escolar, é importante compreender cada uma das suas faces.



De acordo com Golbert e Moojen (1996) a primeira face do cubo é a que na verdade representa e se refere ao todo, chamada *fatores determinantes do sucesso ou fracasso escolar*. As autoras explicam que as outras faces são relacionadas a fatores:

- Familiares
- Biológicos
- Características da escola
- Características da tarefa
- Características individuais

É importante resaltar que, apesar de essas faces serem apresentadas separadamente para um melhor entendimento, elas devem ser sempre avaliadas e observadas como um todo pelo profissional.

Outra das faces do cubo refere-se a *fatores familiares*. Dada a importância da família na vida de qualquer pessoa, é fácil perceber o quão relevante e decisiva ela pode ser no surgimento – ou no processo de aceitação/adaptação/superação – das dificuldades escolares de uma criança. Segundo Weiss (1997), com a sua experiência clínica com pacientes de diferentes classes sociais, foi constatado que por volta de 10% das crianças que apresentavam dificuldades e foram encaminhadas para diagnóstico psicopedagógico tinham na relação familiar e pessoal a causa das suas dificuldades.

Esta porcentagem é um importante indício de que o meio pode influenciar de fato o desenvolvimento de uma criança. De acordo com Gorbert e Moojen (1996), geralmente o estresse psicossocial agudo e por tempo prolongado, além da desintegração familiar, são fatores que causam na criança reações depressivas que a levam a sentir-se desprotegida e abandonada.

Quando a família deixa de ser uma fonte de proteção para a criança e seu desenvolvimento psicossocial, pode haver o início de uma dificuldade de aprendizagem, principalmente quando:

[...] os pais, ou seus substitutos, são instáveis e/ou insensíveis às necessidades afetivas das crianças, não lhes oportunizando intercâmbio linguístico adequado, situações de brincar e de disciplina, autonomia e independência e interação com outras crianças e adultos. (GOLBERT & MOOJEN, 1996, p. 88)

Por a família exercer um importante papel no desenvolvimento e no aprendizado de uma criança, cabe aos pais sempre observarem sempre como os seus filhos se sentem no meio familiar, se este pode ser considerado um ponto de referência, amor e segurança ou se está exercendo um estresse agudo na criança devido a discussões, desajustes e falta de interação

entre pais e filhos. É fundamental que a criança possa se sentir segura e protegida, acolhida e amada, sendo que, quando há a falta de algo no ambiente familiar, como “qualidade da nutrição e estimulação, clima emocional da família, influências sócio-culturais e afetividade dos pais”, essa falta “pode favorecer ou reduzir a capacidade da criança para aprender,” (GOLBERT & MOOJEN, 1996, p. 88). Nesses casos, sempre há consequências – mais ou menos graves – para a criança, influenciando não apenas sua vida escolar, mas sua vida como um todo.

Os *fatores biológicos*, outra das faces do cubo, abrangem os aspectos *orgânicos, hereditários e bioquímicos*.

Assim como os fatores do meio – como os familiares recém abordados –, os fatores do organismo também exercem uma importante função no surgimento de dificuldades de aprendizado.

Por isso, cabe resaltar a importância de investigar não só fatores hereditários e bioquímicos, mas também como está a saúde em geral do paciente. Segundo Pain (1985), é de extrema importância que se façam exames de audição e visão, pois crianças que apresentam algum problema nessas áreas podem ser vistas como “o que não quer ler, ou ouvir”. Caso não se procure a causa, através – também – destes exames, isso pode mais tarde, “[...] dar lugar a uma revelação muito tardia do defeito¹, quando este já está muito estruturado na situação de evasão ou dependência” (PAIN, 1985, p. 29).

Os fatores hereditários exercem um papel específico no desenvolvimento intelectual, por isso é essencial que também sejam analisados. Aqui, fica claro que, além da importância do meio para a aprendizagem das crianças, diversos fatores se entrelaçam, ainda que pareçam a princípio separados:

[...] o desenvolvimento cognitivo das crianças é, inicialmente, determinado por processos biológicos e guiado, subsequentemente, por interações sociais com adultos, que iniciam e medeiam, pelas interações sociais, o desenvolvimento das habilidades cognitivas. (VYGOSTKY, 1988 apud SCOZ 1994, p. 26)

Os *fatores relacionados à escola* são considerados um dos fatores mais decisivos no sucesso ou fracasso escolar de uma criança, pois é na escola que ela realiza inúmeras descobertas voltadas ao letramento, à aritmética, dentre outras, e para que as crianças tenham êxito nestas aprendizagens, é fundamental que o ambiente seja acolhedor, estimulante, que

¹ O termo “defeito”, utilizado por Pain, corresponde à “causa”

seja adaptado à realidade cultural dos alunos e aos seus valores. Para isso, é necessário que o seu currículo seja adaptado, com conteúdos de qualidade e de verdadeira relevância para determinada região, cidade e classe social. Caso contrário, as chances de haver dificuldades de aprendizagem, além de evasão escolar, são muito grandes.

Deve-se observar também a relação aluno X professor, que também pode propiciar o surgimento de dificuldades, já que o aluno deve gostar e estar à vontade com seu professor, fator que influencia na sua motivação em fazer descobertas e aprender juntamente com a turma, além de sua relação com o ensino. Caso não haja a aceitação do professor por parte do aluno e vice-versa, deve ser feita uma análise minuciosa dos motivos que levam a isso e a implementação das medidas cabíveis para a mudança dessa situação.

De acordo com Golbert e Moojen (1996, p. 89), outro fator, que já foi abordado brevemente no capítulo anterior, diz respeito a procurar evitar ao máximo possível a patologização da criança antes mesmo de se consultar um especialista. Quando leigos tentam fazer o papel que cabe estritamente a profissionais, erros desse tipo são comuns, e, em muitos casos, a criança não apresenta dificuldade real alguma, apenas algo característico da sua evolução, podendo ser relativo à sua idade, série escolar ou ao conteúdo estudado em determinado momento. Este cuidado é muito importante, já que poderá afetar a criança e sua autoestima gravemente. Rotulações não se justificam nem em casos em que há, de fato, uma dificuldade de aprendizagem, mas nos casos em que a criança é afetada por uma análise precipitada e infundada são ainda mais danosos, dado que poderiam ser evitados caso se buscasse ajuda profissional.

A face do cubo relacionada às tarefas desenvolvidas na escola e sua relação com o desenvolvimento cognitivo e nível maturacional do aluno é muitas vezes subestimado. Porém, seu valor é inquestionável.

Como explica Corine Smith (1985, apud GOLBERT & MOOJEN, 1996, p. 90). “quanto maior a congruência entre as características da criança e as características do programa que lhe é previsto, maior é a probabilidade de sucesso escolar”. Esse fator é determinante no desempenho escolar, já que muitos dos problemas e dificuldades surgem quando são oferecidas tarefas que não estão de acordo com as capacidades cognitivas das crianças. Por este motivo, é importante que o professor saiba em que estágio de desenvolvimento os seus alunos se encontram, para que todos possam desfrutar da aprendizagem de acordo com as suas reais possibilidades.

Outro fator muito importante está relacionado aos conteúdos que são trabalhados, como esclarecem Golbert e Moojen (1996). Muitas vezes, os conteúdos trabalhados são

escolhidos sem levar em conta o contexto cultural e a realidade em que os alunos estão inseridos. Se um tema não faz sentido ou tem relevância para os alunos, eles não serão efetivamente aprendidos, mas meramente decorados. Além disso, se as avaliações elaboradas pelo professor forem focadas principalmente em ditados, trabalhos que requerem respostas literais do que foi aprendido e provas que valorizem apenas o grau de memorização, e não de compreensão/reflexão do aluno sobre o assunto, a criança fica automaticamente propensa à “decoreba”. Esse tipo de superficialidade esteve presente por muito tempo no ensino (inclusive em boa parte do meu, no ensino médio), mas simplesmente não pode mais ser aceitável no ensino atual. Os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul, por exemplo, explicam a importância dessa contextualização para o ensino:

Tarefas significativas e contextualizadas: o foco é a *construção de conhecimento que tenha significado e relevância*. Isso quer dizer que a explicitação das razões para a aprendizagem dos conteúdos e a relação desse conteúdo com as habilidades a serem trabalhadas e com o contexto do aluno são a base para sua construção. Nesse sentido, é preciso tornar o conteúdo relevante aos alunos, para que eles possam fazer uso desse conhecimento para *interferir* no seu meio. (REFERENCIAIS CURRICULARES DO RIO GRANDE DO SUL, 2009, p. 47; grifos meus)

[É essencial] compreender a relevância do aprendizado para além *dos muros da escola*; de forma a habilitar à participação no mundo social, possibilitar aos alunos reconhecerem-se como sujeitos capazes de usar e fruir as linguagens como forma de concretizar sua interação com os outros. (REFERENCIAIS CURRICULARES DO RIO GRANDE DO SUL, 2009, p. 48; grifos meus)

A face referente às características individuais foi escolhida para ser a última a analisada pois, como Golbert e Moojen (1996) explicam, assim se evita rotular e colocar a responsabilidade do problema na criança precipitadamente. Ou seja, deve-se *sempre* analisar os outros aspectos e somente no final averiguar os fatores individuais da criança.

Ao se investigar as dificuldades de aprendizagem de uma criança, devemos levar em conta a necessidade de observação do *nível de motivação, a maturidade sócio-emocional*, o funcionamento das suas *estruturas cognitivas* em diferentes áreas, além das características da *personalidade e caráter*, dentre outros fatores, como salientam Golbert e Moojen (1996).

Quando há falta de motivação em uma criança, podemos pensar em várias questões causadoras, como a falta de determinadas habilidades cognitivas, que fazem o aluno se sentir “burro” e menos capaz do que seus colegas, o que claramente afeta a sua autoestima e, conseqüentemente, sua motivação em aula.

Ainda de acordo com os teóricos citados acima, a personalidade de uma criança também poderá interferir no seu desempenho escolar. Além disso, o fator estresse também

deve ser levado em conta: há crianças que, por sofrerem uma pressão muito grande dos pais em relação à escola, acabam desenvolvendo atitudes aversivas relacionadas ao ensino escolar. Outras crianças têm dificuldades em passar pela fase denominada “ignorância transitória”, muito abordada por Phillippe Mazet (apud GOLBERT e MOOJEN, 1996), que explica que as crianças que estão nesta fase têm dificuldades em aceitar que não nasceram sabendo tudo, e por isso não se permitem errar.

De acordo com Martin e Marchesi (1995, apud GOLBERT & MOOJEN, 1996, p. 93), as habilidades individuais de comunicação e linguagem exercem um papel muito importante e fundamental no desenvolvimento da criança, explicando que “o indivíduo com adequado desempenho linguístico possui boas chances de apresentar escolaridade satisfatória, sendo que os problemas de linguagem explicam grande parte das dificuldades de aprendizagem”.

Como se pode perceber, todas essas faces do cubo de Syracuse estão diretamente conectadas. A busca da compreensão das causas da dificuldade de aprendizagem de uma criança não é, de forma alguma, simples ou fácil, justamente por, em alguns casos, haver uma linha muito tênue entre as dificuldades e o que é considerado normal.

Por este motivo, como esclarece Scoz (1994), é muito importante haver uma relação de parceria entre o psicopedagogo e a escola, já que este profissional poderá auxiliar a instituição – mais especificamente os professores – a aprofundarem seus conhecimentos sobre as teorias de ensino/aprendizagem e a obterem contribuições das diversas áreas do conhecimento relacionadas às dificuldades de aprendizagem. Esse trabalho psicopedagógico poderia auxiliar os professores a compreenderem e distinguirem melhor “duas vertentes de perturbações na aprendizagem: uma que pode ser solucionada pelo próprio professor, com orientação da equipe técnico-pedagógica comum nas escolas, e outra, que exige a intervenção de profissionais especializados” (SCOZ, 1994, p. 154).

Por este motivo, para que se possa fazer um diagnóstico coerente e o mais preciso possível, devem-se buscar todos os suportes que estão ao nosso alcance, como aporte teórico e apoio profissional, observando com cuidado todos os fatores trazidos pelo cubo. Assim, as chances de auxiliar a criança na superação de suas dificuldades são muito maiores.

4 O CASO VITOR

4.1 Fatores externos

4.1.1 Conhecendo um pouco da escola

Fundada na década de 70, a escola em que Vitor estuda atende atualmente em torno de 350 alunos dos 5 aos 11 anos, da Educação Infantil ao quinto ano do Ensino Fundamental, em turno diurno. A maioria dos alunos é de classe média, e trabalham nesta escola em torno de 20 professores. O ambiente – tanto das salas quanto dos corredores – é colorido e alegre, limpo e organizado, com muitos cartazes, flores e placas de adoção de canteiros feitos pelas turmas. Enfim, estes são ambientes bastante acolhedores.

A escola é considerada uma *escola inclusiva*, já que recebe crianças com deficiências mentais e físicas, apenas não são aceitos cadeirantes, devido à impossibilidade de adaptação estrutural da escola para estes casos².

Há também um pequeno refeitório, onde as crianças que desejarem comer a merenda da escola poderão fazê-lo antes do início da aula e durante o recreio. A instituição fornece dois lanches diários, pois, apesar de serem poucos, também estudam lá alunos de classe mais baixa, para os quais muitas vezes estas são as únicas refeições do dia.

A sua biblioteca é muito acolhedora, sendo bastante visitada e disputada pelos alunos. Lá, as turmas leem histórias e fazem trabalhos em relação ao que ouviram ou leram. A leitura é muito estimulada nesta escola, todas as crianças podem retirar um livro à sua escolha semanalmente e elas parecem gostar bastante de disso, pois demonstram grande entusiasmo no momento da escolha do livro da semana. Esta instituição oferece vários projetos, como Judô, Dança, Monitores Ambientais, Xadrez, Repórter e Mídia, dentre outros. Estes projetos são realizados no turno contrário, e os projetos de artes e música são no mesmo turno. Ficou evidente ao longo do meu período de observações nesta escola que todas essas atividades são muito apreciadas pela maioria os alunos, pois todas as crianças com quem conversei relataram fazer pelo menos um projeto oferecido pela escola e gostar muito.

A escola possui dois pátios: um pequeno, com casinha de madeira, balanços e outros brinquedos, para os menores da educação infantil; e um ambiente maior, para os alunos das outras séries, com uma quadra, um espaço com brinquedos (balanços, mesas, bancos, trepa-trepas, dentre outros). Há também um ginásio coberto, que foi subsidiado pelo governo e pela

² Nesta escola, há muitas escadas íngremes, seria inviável fazer rampas nestes locais porque, ainda assim, um cadeirante não conseguiria subir sem a ajuda de alguém.

prefeitura do município, muito utilizado para a educação física, além de ser utilizado para complementar algumas atividades de salas de aula. Durante o recreio, este ginásio é revezado pelas turmas, cada dia uma turma o tem disponível para jogar futebol, basquete, dentre outros esportes e brincadeiras.

A sala de informática é bastante ampla e possui em torno de 20 computadores, todos com telas de LCD, é neste espaço que as turmas têm aula de informática uma vez por semana.

Há ainda uma espécie de salão de atos, onde existe um palco em que as crianças realizam suas apresentações nas datas comemorativas – Natal, Dia dos Pais, Dia das Mães, além de, ao longo do ano, utilizarem esse ambiente para assistirem a filmes e estudarem nas aulas de reforço.

Os profissionais da escola realizam práticas de formação continuada através de cursos subsidiados pela Secretaria Municipal de Educação, o que é essencial e considerado muito estimulante pelos professores com quem conversei, já que muitos não teriam condições de arcarem com estes cursos.

E, por último, é interessante comentar que esta escola tem um número muito baixo de repetência, não chegando nem a 5 crianças por ano, além de o nível de evasão escolar ser literalmente nulo.

4.1.2 Conhecendo a sala e a turma em que Vitor estuda

Na sala de aula do Vitor, estudam 24 alunos, organizados em quatro colunas e sentados em duplas. Vitor está na segunda fileira localizada em frente ao quadro, está sentado ao lado de sua colega Fabiana, uma menina que o trata muito bem, mostra-se inteligente e dedicada.

O espaço, como o restante da escola, é muito agradável, e logo que cheguei fui bem recebida por todos e não foi preciso nem me apresentar, pois todos rapidamente me reconheceram do miniestágio realizado em 2012 e me receberam com carinho.

A partir da temática escolhida para ser o enfoque da escola neste ano (relacionado ao “mundo de cada aluno”), todos os professores escolhem projetos que se direcionem a algum ponto mais específico, como no caso desta turma, que está estudando a história da cidade de Novo Hamburgo: como foi fundada, por quem, em que ano, aprendendo mais sobre questões geográficas, hidrográficas, etc. No estudo da hidrografia, por exemplo, eles estão trabalhando a importância do Rio dos Sinos, inclusive a questão da sua poluição.

As atividades desenvolvidas na sala de aula dão abertura para a busca de informações fora da escola. Atualmente, por exemplo, a professora está realizando um trabalho em duplas para estimular essa questão: uma dupla por semana fica responsável por apresentar uma temática de sua escolha, relacionada ao que está sendo estudado. Desta forma, surgiram vários temas, como a poluição do Rio dos Sinos, o relato de uma visita a ele, como reaproveitar a água da chuva, dentre outros.

Nesta sala de aula, há 2 ventiladores e 1 ar-condicionado, nas paredes existem revisões dos conteúdos já estudados e também conteúdos em andamento: tabuadas do 2 e do 3; o alfabeto; quadro sobre alimentos saudáveis; encartes sobre a temática água; além dos murais de aniversariante (Nome + data de nascimento + representação de si mesmo em desenho), dos ajudantes da semana e monitores do recreio. Nas janelas, cortinas amarelas que tornam a sala mais aconchegante e iluminada; nos fundos da sala, além de materiais escolares diversos e materiais didáticos, há também uma minibiblioteca com livros e revistas.

Os alunos desta turma, ao contrário do comportamento que apresentavam no ano passado, agora estão mais tranquilos e não tão ativos. Conversam sempre que possível, mas nada exagerado, quando necessário a professora chama a atenção da turma, para que o andamento da aula não seja prejudicado.

A forma de avaliação da professora é, segundo ela, “por meio de aspectos mais concretos, como trabalhos, leituras, avaliações escritas”, mas ela também não deixa de levar em consideração a participação e o comportamento em aula.

A atmosfera é bastante amigável, todos parecem se conhecer e gostar – alguns mais, outros menos, mas não há rejeição total de colegas dentro da sala de aula. No entanto, nos momentos em que a turma está no recreio, na aula de biblioteca, na educação física, ou seja, em momentos fora da sala de aula e sem a professora titular, as coisas são diferentes. Em relação ao Vitor, por exemplo, são visíveis a rejeição e o preconceito em atos e falas das crianças. Além disso, a turma não respeita os professores de aulas especializadas (como as professoras da biblioteca, xadrez, etc.) do mesmo modo como respeita a professora titular, fazendo nessas aulas mais bagunça e prestando menos atenção, o que leva esses professores a um estresse muito maior para realizar as atividades programadas por eles.

É nesses momentos fora de sala de aula que Vitor sofre com a rejeição, pois, apesar de algumas crianças brincarem com ele, são inúmeros os que não o querem por perto. Mas ele parece não se abalar com isso e continua correndo atrás deles. Em um dos recreios que observei, por exemplo, Vitor estava seguindo um destes meninos e repentinamente o abraçou, o que foi imediatamente respondido com chutes e xingamentos.

Em outro momento, durante a aula de biblioteca, a professora estava lendo um livro relacionado às diferenças e a turma começou a rotular alguns colegas com as denominações trazidas pelo livro (como “o aluno quietinho”, “o aluno bagunceiro”, etc.). Vitor começou a ser chamado de “gay”. Como ele não quis demonstrar estar se abalando, entrou na brincadeira, chamando também outros colegas de outras denominações. Ele e outro aluno insistiram tanto na brincadeira que foram retirados da sala, e, ao falar sobre esse assunto em particular com a professora, Vitor demonstrou abertamente sua mágoa, começando a chorar.

Um bilhete foi encaminhado aos pais destes alunos relatando o ocorrido e o comportamento inadequado em aula. No retorno deste, a mãe relatou que Vitor tem chorado todos os dias de raiva por seus colegas o chamarem de “gay”, “bicha”, etc. Ela solicitou que alguém tivesse uma conversa séria com a turma, já que essa situação vem ocorrendo desde o ano passado. Disse que isso não pode continuar como está e que, se fosse necessário, deveria haver uma reunião com os pais, pois isso está afetando e prejudicando o Vitor. Segundo a coordenadora, a conversa com a turma a esse respeito já ocorreu (inicialmente, a turma ficou em silêncio e aparentou entender o que foi dito, mas, na prática, pouca coisa mudou) e logo será marcada uma conversa com a própria mãe.

4.1.3 Conhecendo a professora da turma do 4º ano

A entrevista com a professora da turma da qual Vitor é aluno foi realizada ao longo de dois dias, durante o momento que a professora tem livre para focar o seu planejamento de aulas. No primeiro dia da entrevista, conversamos na secretaria, mas como havia uma circulação muito intensa de pessoas, o andamento foi mais lento. Por isso, no segundo dia, nos encontramos em uma sala mais reservada, deste modo a entrevista correu de forma mais focada e leve, sendo, assim, muito produtiva.

Nossa conversa foi dividida em dois momentos: no primeiro deles, foram feitas perguntas mais relacionadas à professora; no segundo momento, as questões foram a respeito do Vitor. Enquanto conversávamos, fui transcrevendo suas respostas em meu notebook.

Primeira parte da entrevista, perguntas voltadas à professora:

1) Experiência de trabalho e qualificação: Tenho 30 anos de trabalho nesta mesma escola e sou formada em Magistério, Licenciatura em Ciências Biológicas na Unisinos e Especialização em Alfabetização.

2) Motivo da escolha desta profissão: Sempre quis ser professora, não me vejo exercendo outra profissão. Meu irmão mais velho também era professor e acabei seguindo junto.

3) Aspectos positivos e negativos do trabalho. *Positivos:* constantemente estar aprendendo e se qualificando. *Negativo:* antigamente, os alunos vinham com uma bagagem de “atitudes e educação” vindas de casa, agora cabe à escola ensinar esta parte, junto com o conhecimento. Isso, muitas vezes, deixa os professores sobrecarregados e desmotivados. Falta preparo dos professores para atender crianças de inclusão, aprende-se na prática. Nas faculdades, só se aprende a teoria, mas como ensinar os alunos e métodos de aprendizagem só se aprende mesma na prática.

4) Como caracteriza esta turma de alunos? Uma turma bastante homogênea em termos de conhecimento, com raras exceções, grande parte da turma é interessada no trabalho desenvolvido, procuram fazer o seu melhor, são também muito afetivos.

Esta turma, assim como todas, precisa saber qual é o limite do professor, é fundamental que eles tenham presente a figura do limitador, para que desta forma as aulas possam ser administradas da melhor forma possível.

5) Tem autonomia no seu trabalho? Completa.

6) Utiliza os recursos da escola? De que forma? Utilizo todos os recursos disponíveis na escola, às vezes de forma complementar, para acrescentar, em outras para introduzir conteúdos. Recursos como informática, televisão + dvd, *Spin light*, recursos de som, etc.

7) O que você considera um bom aluno? Um bom aluno, para mim, é aquele que dá o seu máximo e consegue desenvolver as suas capacidades, é interessado e é pesquisador – que busca conhecimentos fora da escola para acrescentar ao estudo.

8) O que você considera um bom professor? Para mim, ser um bom professor é fazer exatamente aquilo que se espera de um bom aluno.

9) Como você faz a avaliação dos alunos? Sempre com coisas bem concretas, leituras, trabalhos, avaliações escritas, etc.

10) O que você faz quando enfrenta dificuldades com algum aluno? A quem você recorre? Primeiro, tento conversar com a criança; no segundo momento, com os pais (para tentar ver onde está o problema); em terceiro lugar, com a coordenadora pedagógica e, caso seja necessário, solicito ajuda para a direção.

Segunda parte da entrevista, direcionada a questões relacionadas ao Vitor:

11) Com relação ao Vitor. Quais são as dificuldades que ele enfrenta? Acho que é mais no convívio com o grupo, *na aceitação*. Aparentemente, até onde consegui observar, em *matemática*, mais especificamente em cálculos, ele não tem dificuldades, na primeira prova que fizemos ele tirou a nota 80. Em relação à *leitura*, percebo que ele é muito lento, fazendo inúmeras paradas, não tendo fluência, o que talvez venha a ser um problema na hora de interpretar textos e historinhas matemáticas.

Quanto à escrita, pelo que pude perceber, seus erros de português estão dentro da normalidade, apesar de ainda não ter sido feito nenhum trabalho escrito.

12) Quais as estratégias de intervenção que já utilizaste com ele? Como o ano está muito no início e as aulas acabaram de iniciar, não foi elaborada nenhuma estratégia direcionada, até porque ainda não foi percebida nenhuma dificuldade significativa.

13) Qual o contato que você tem com a família? O Vitor foi meu aluno no primeiro ano e, por isso, já conheço os pais dele. A mãe procura entrar em contato quando sente que é necessário trocarmos ideias, mas isso não ocorre com muita frequência. Fora isso, o contato ocorre nas entregas das avaliações.

14) Há quanto tempo ele apresenta dificuldades? Olha, não sei exatamente se o Vitor apresentava alguma dificuldade na Educação Infantil, sei que, quando fui professora dele no primeiro ano, ele queria sempre brincar, ele precisava de um tempo a mais, por isso não se alfabetizou no primeiro ano, ao contrário da maioria, que, mesmo considerando que a alfabetização ainda não é o foco no primeiro ano, já sai alfabetizada.

15) Como é o Vitor em sala de aula? Ele é bastante participativo, acompanha o ritmo dos demais e não tem vergonha de falar ou tirar suas dúvidas - mesmo quando estas parecem “óbvias” para os outros alunos e poderiam causar constrangimento.

A aluna nova, Fabiana, está sentada ao seu lado e isso está fazendo muito bem para ele. Antes, ele era mais distraído; agora, por ela ser muito concentrada, ele está se tornando mais concentrado também.

16) Você tem contato com a psicopedagoga dele? Até agora, não.

17) Quais são as fragilidades dele? Acho que as fragilidades dele estão relacionadas à questão da leitura, pois ele lê sem ritmo, além da questão emocional, não sabendo lidar com a questão de identidade.

18) O que ele consegue fazer bem? Ele tem muitas qualidades, faz cálculos bem, copia com a letra bonita e o caderno caprichado, faz desenhos criativos, é carinhoso, etc. Ele só precisa mesmo é desenvolver melhor a leitura e interpretação.

19) Ele está em alguma aula de reforço? Como haviam sobrado vagas para o reforço, eu o tinha colocado nas aulas de reforço de matemática e português, não que eu tenha percebido a sua necessidade em matemática – como eu te disse, até agora fiz apenas cálculos com eles, e não interpretação de historinhas matemáticas –, mas o reforço em matemática ele já frequentava no ano passado, além do de português, por não ser um bom leitor. Como ele já frequentava essas duas aulas de reforço no ano passado, achei que elas seriam algo complementar, até para que eu possa ter uma percepção melhor das suas necessidades. No entanto, sua mãe assinou um termo se responsabilizando pelo fato de o Vitor não frequentar estas aulas, pois o horário iria colidir com o horário dos Monitores Ecológicos, grupo do qual ele faz parte.

20) Que dificuldades o Vitor apresentava no primeiro ano? No primeiro ano, ele já apresentava algumas questões como saber as letras separadamente, mas não conseguir juntá-las em uma palavra nem escrevê-las. Mas, como era o primeiro ano e isso poderia ser apenas algo transitório, não se procurou ajuda em um atendimento especializado.

21) Que atendimentos especializados a escola oferece? A escola oferece a sala multifuncional, aulas de reforço e psicomotricidade, além de atendimento com a psicopedagoga.

22) O que você tem a dizer sobre a denominada por muitos “feminilidade” do Vitor?

O Vitor, desde que eu o conheço, sempre foi assim. No primeiro ano, ele era ainda mais afeminado, atualmente está muito melhor.

Tenho a impressão de que ele age desta forma por querer aparecer, fazendo também palhaçadas. Por não saber lidar com os seus sentimentos, tenta sempre estar se mostrando para os outros, querendo ser observado, visto por todos. Isso causa certo preconceito de muitos da turma, um exemplo disto foi o aniversário dele: como eu não estava dando aula neste dia, as crianças não tiveram medo de expor o seu preconceito diante da outra professora. Quando Vitor foi entregar os convites, três dos seus colegas simplesmente o rasgaram na frente dele.

No dia do aniversário, a turma cantou parabéns e alguns batiam palmas de mau grado, mas, ao perceberem o meu olhar de desaprovação, começaram a cantar e bater palmas direito. Neste dia, na hora da entrega dos presentes, as meninas ficaram com vergonha do que os outros iriam falar e pensar quando fossem até ele entregar os seus presentes, mas mesmo assim os entregaram.

Já a aluna nova, que se senta ao seu lado, não se deixa abalar com tal preconceito, não se importa de ele ser diferente e o considera um grande amigo, o que colaborou para a elevação da sua autoestima.

Apesar de todo o preconceito, Vitor não demonstra em momento algum se abalar com os apelidos, exclusões, aparenta estar sempre feliz. Acredito que isso seja uma forma de se proteger.

Análise da observação e entrevista

A professora desta turma é uma profissional muito querida por todos e carinhosa, com o tom de voz bastante suave, trabalha com as crianças com tranquilidade, o que acaba influenciando no andamento da aula³. Apesar de dessas características, que muitas vezes fazem algumas crianças se sentirem “à vontade demais” para bagunçar, a turma tem um respeito muito grande por ela, bastando chamar a atenção uma vez para que logo todos fiquem novamente em silêncio. Acredito que, por ela já ter uma experiência de trabalho de 30 anos, ela sabe lidar melhor com os problemas da sala de aula, não permitindo que surjam desentendimentos, brigas ou grande desatenção.

As atividades/conteúdos sempre são propostos de forma questionadora e a sua realização é mediada pela professora – que frequentemente passa nas mesas para ver como estão sendo feitas as atividades. Neste ambiente, a participação dos alunos é promovida e favorecida em quase todos os momentos, em que esses podem colaborar com seus conhecimentos prévios, além de terem a oportunidade de mostrarem seus conhecimentos sobre o conteúdo em andamento através de apresentações – procurando desenvolver a expressão oral e favorecer a perda do medo de apresentar-se para um grupo de pessoas –, leitura e visitas ao quadro negro. Em todos estes momentos percebi, ao longo das minhas observações, que a professora procura motivar e elogiar quando há o acerto e, quando há um erro, tentar encontrar em conjunto com a turma a resposta correta.

Ela busca desenvolver outras formas de interpretação, como interpretar charges, o que costuma ser tão pouco trabalhado em sala de aula e é algo tão importante e rico para a vida dos alunos, não apenas no âmbito escolar, mas como um todo.

Por ter sido professora desta turma no primeiro ano, a cumplicidade entre professora e alunos é muito grande, percebe-se o afeto tanto dos alunos quanto da professora. Esta parece estar muito feliz com o desenvolvimento da turma desde o primeiro ano até este momento, elogiando as demais professoras que eles tiveram até então.

Ao refletir sobre esta entrevista juntamente com o que observei nesta turma, percebi que:

³ Fui sua aluna durante dois anos na época em que estudei nesta escola, por isso conheço bem suas características em sala de aula.

Na *sétima* pergunta feita à professora – “Utiliza os recursos da escola? De que forma?”, obtive como resposta que ela procura utilizar diversos recursos, como a sala de informática, televisão + dvd, Spin Light, recursos de som, dentre outros, de forma a complementar, acrescentar ou introduzir suas aulas. Ao longo do tempo que permaneci em sala de aula com esta turma e também depois, apenas dentro da escola, presenciei momentos bastante diversificados da utilização de slides, mapas, informática, aparelho de som, além de passeios e saídas de campo. Estes recursos são, sem dúvida, muito importantes para esta turma, pois o aprendizado ocorre de forma muito mais natural e didática ao vivenciar na prática questões vistas apenas na teoria inicialmente, por exemplo, ou aprendendo por meio de diferentes mídias, já que cada aluno tem um estilo de aprendizado diferente.

Na oitava e na nona pergunta, percebi que ela acredita que, para serem considerados bons, não só o aluno, mas também o professor devem dar o seu máximo, desenvolver as suas capacidades, ser interessados e pesquisadores – buscando conhecimentos fora da escola para acrescentar ao estudo. Ou seja, não se devem exigir certas coisas apenas dos alunos, mas também de si próprio. Essa concepção de esperar de um bom professor a mesma coisa que se espera de um bom aluno me surpreendeu bastante, já que é muito fácil criticar e dizer quem é um “bom aluno” ou não, mas é mais difícil se colocar em julgamento da mesma forma, algo essencial para alguém que desempenha um papel tão importante quanto o de professor. No entanto, ao realizar esta mesma entrevista com as respectivas professoras desta turma, em 2012 e 2013, percebi que não parece haver um contato entre as professoras titulares e os profissionais especializados que estejam trabalhando em determinados casos de alunos, como no caso de Vitor e a sua psicopedagoga. Isso realmente é uma pena, pois acredito que, se houvesse uma comunicação entre elas, seria muito mais fácil o trajeto de busca de respostas para as dificuldades de aprendizagem dele. Observei que a coordenadora da escola faz visitas à psicopedagoga de tempos em tempos, no entanto, acredito que seria ainda mais importante a professora e a profissional terem uma troca de informações constante, o que facilitaria para ambas as partes e, principalmente, ajudaria o Vitor.

Fiquei muito contente ao observar, em sua resposta à oitava pergunta – “Como caracteriza a sua turma de alunos?” –, que mesmo a turma sendo conhecida por não obedecer aos professores em geral, apenas à sua professora titular – como ocorria no ano anterior (2012) –, esta professora assumiu esta turma com muito carinho e não se deixou influenciar por estas opiniões. Ela adora essa turma e os considera muito interessados, afetuosos e que procuram dar o seu melhor. Ainda assim, ela sabe que cada turma precisa de uma pessoa que imponha limites, que mostre até onde os alunos podem ir.

4.1.4 Conhecendo um pouco do meio familiar de Vitor

A reunião com os pais foi marcada para o dia 19 de abril deste presente ano, às 7h30 da manhã, a escolha de tal horário foi feita justamente para não atrapalhar o restante das atividades diárias dos pais. Neste dia, apenas a mãe compareceu a reunião, segundo ela, o pai não pôde vir por não poder faltar no trabalho.

A anamnese com a mãe do aluno ocorreu como uma espécie de conversa, com breves anotações minhas, mas, abaixo, optei por separá-las por tópicos. Ao longo desta conversa, fiz pequenas anotações em uma folha e, com o auxílio da gravação da sua voz, pude transcrever da melhor forma possível as suas respostas.

- 1) Como foi a gestação do Vitor? Tranquila? Houve alguma ameaça de aborto que tenha exigido repouso?** A minha gravidez muito tranquila, não tive nenhum problema.
- 2) Foi uma gestação planejada?** Sim, o Vitor foi planejado, já o seu irmão mais velho não foi.
- 3) Como foi o parto?** Foi de cesárea, mas foi bem complicado, pois, durante a cirurgia, cortaram acidentalmente a minha bexiga, o que impossibilitou que eu ficasse com o Vitor e o amamentasse, já que eu ficava mais no hospital do que em casa. Só pude começar a cuidar normalmente dele após 4 meses. Neste meio tempo, quem mais ficou com ele foi sua avó, já que o meu marido trabalha o dia todo.

Alimentação

- 4) Ele sugou logo o seio? Até que idade ele mamou? Faltou leite? Tomou mamadeira e bico até que idade?** Vitor mamou muito pouco devido ao que ocorreu comigo, e por isso tomou o leite “Nan”.

Tomou mamadeira e usou o bico até os dois anos, mais ou menos. O bico foi “tirado” pela sua prima, que era um pouco mais velha e odiava bico, ela o pegou, jogou fora e falou que bico era muito ruim e que ele não devia mais usar. Assim, ele nunca mais usou nem pediu bico.

- 5) Como é a alimentação dele atualmente? Ele é muito seletivo?** Atualmente, a alimentação dele é boa, come de tudo, verduras, legumes, frutas. Só não gosta de tomar leite puro ou batida, mas ele gosta de outros laticínios.

1º Ano de vida

6) Quanto ao sono: ele era agitado, ia para a cama dos pais? Tinha pesadelos? Ele dormia bem, sim, era bem tranquilo e não tinha pesadelos. Ele não só ia para a nossa cama como continua indo, ele gosta bastante.

Evolução Psicomotora

7) Com que idade ele começou a caminhar? Logo andou firme? Mostrava-se seguro? Era corajoso ao subir escadas? Ele começou a caminhar firme com 1 ano e 2 meses. Nunca teve medo de nada, o que até me preocupava, às vezes.

8) Amarrou os cadarços com que idade? Quando começou a se vestir e banhar sozinho? Ele aprendeu a amarrar com 5, 6 anos, antes só fazia um nó. Ele sempre foi muito independente, com 5 ou 6 anos também já tomava banho e se vestia sozinho, só tínhamos que verificar, até uma certa idade, se ele havia se lavado direito, ou colocado a roupa do lado correto.

9) Controle esfinteriano: diurno e noturno Não recorro ao certo quando adquiriu esse controle, mas lembro que, aos 2 anos, já não usava mais fralda, apenas durante a noite, mas normalmente ele não fazia xixi na fralda, mas sim me acordava para tirá-la para que ele pudesse fazer xixi no vaso.

Linguagem

11) Atraso de fala; primeiras palavras; dificuldades; domínio atual da linguagem. Vitor começou a falar por volta de 1 ano e pouco e, com 1 ano e 6 meses, já falava bem. Sempre falou muito ligeiro, muitas vezes precisamos pedir que ele fale com mais calma e clareza para que possamos entendê-lo.

Sociabilidade

12) Tem amigos e os mantém? Dá-se melhor com quem? Como é o seu relacionamento com o irmão? Vitor não tem um melhor amigo em específico, considera todos seus amigos. Ele tem amigos por parte da família – primos – e também amigos fora da família, como vizinhos, na escola, etc.

A diferença de idade entre Vitor (10 anos) e seu irmão (17 anos) faz com que eles tenham brigas e vivam se “cutucando”, principalmente o Vitor, que adora provocá-lo. Mas, em geral, eles se acertam, quando um precisa de algo emprestado o outro empresta. São brigas típicas de irmãos.

13) Quais são as características pessoais do Vitor? O Vitor é bastante extrovertido, adora cantar músicas, dançar, pintar, e ama animais. Além disso, gosta muito de chamar a atenção.

Ele também é muito apegado a mim, acho que é porque somos muito parecidos. O seu irmão é mais parecido com o pai, que é mais “quietão”. Nós fazemos muitas folias juntos, cantamos, dançamos, brincamos, etc. Sempre que saio de casa e não posso levar ele junto, ele me liga só para conversar. Às vezes, ele nem tem algo específico para dizer, mas liga igual, e inventa rapidinho algum motivo para estar ligando, como, por exemplo, querer saber o que vai ter de almoço.

Escolaridade

14) Como foi a adaptação na escola? Como foi a alfabetização? Estava querendo ser alfabetizado? Procura ajuda em casa quando tem dificuldades? Quem o ajuda? Ele faz o tema sem ser lembrado? Tem amigos? Reclama da escola? Sobre o quê? Quando entrou na escola, conversamos com ele sobre essa mudança e o pai disse a ele que, se ele não chorasse nenhum dia, ganharia a bicicleta que ele tanto queria. Vitor, com tanta vontade de ganhar sua bicicleta, foi para o seu primeiro dia de aula e, ao nos dar tchau, se segurou ao máximo – foi visível –, mas não chorou. Ao voltar para casa, à noite, ele disse que havia se comportado e não chorado, sendo assim, poderia ganhar a bicicleta!

Ele sempre gostou da escola, a adaptação foi bem tranquila. Realizava desenhos lindos para a idade, sendo inclusive elogiado pela professora.

Alfabetizou-se no segundo ano e estranhou um pouco, chegando a dizer que “agora não poderia mais brincar”.

Quando tem dificuldades sobre alguma matéria, procura primeiramente a minha ajuda; quando eu não consigo ajudá-lo, peço que ele busque a ajuda do seu irmão.

Os temas são sempre feitos por espontânea vontade, não é preciso ficá-lo lembrando, eu nunca tive que cobrá-lo nesse sentido. Em relação a isso, ele é muito organizado, chega em casa e vai logo fazer seus deveres, nunca deixa para a última hora. Ele sempre faz antes do final de semana, para que possa brincar e não ter que voltar mais cedo para casa dos passeios devido a algum tema que não tenha sido feito.

15) Que atividades extraclasse realiza? Gosta? Ele faz aulas de Monitores Ecológicos, laboratório de aprendizagem, xadrez, catequese e frequenta a psicopedagoga. Todas essas atividades ele gosta bastante.

16) O Vitor sofreu ou está sofrendo alguma situação negativa vivida através de alterações familiares (como mudança de casa, de empregada, de creche, de escola, etc.)?

Acho que as únicas coisas que o deixam triste e chateado é que a sua avó teve que ser internada em um asilo por não ter mais condições de morar sozinha, ele não gosta que ela fique lá. Além disso, tem muita pena do seu avô, que fica bastante mal após fazer suas sessões de hemodiálise.

17) Por favor, relate-me um dia de semana típico do Vitor, do momento em que ele acorda até o em que vai dormir.

- | | |
|--|---|
| - Acorda | - Faz o tema. Caso não haja tema no dia, brinca |
| - Toma café | |
| - Trata os passarinhos | - Assiste à novela <i>Carrossel</i> |
| - Dá a ração para seu cachorro e brinca com ele | - Assiste à novela das nove, <i>Salve Jorge</i> |
| - Almoça | - Dorme por volta das 21h30, 22 horas. Às vezes, quando está frio, vai mais cedo para a cama. |
| - Se arruma para a escola | |
| - Vem para a escola (eu o trago) | |
| - Volta da escola e come algo (normalmente, fruta) | |

18) Por favor, relate-me um dia do final de semana do Vitor, do momento em que ele acorda até o em que vai dormir.

- | | |
|--|---|
| - Café da manhã | ao lado de casa, Vitor passa o dia lá, adora andar a cavalo |
| - Trata e brinca com os bichos | |
| - Almoça | - Banho |
| - Toda a família sai para a pracinha onde nos encontramos com os nossos amigos e seus respectivos filhos; quando há rodeio | - Janta |
| | - TV |
| | - Dorme. |

Ao longo desta entrevista, pude perceber que:

- Tanto a gravidez quanto o período de bebê do Vitor foram bastante tranquilos.
- Vitor: é independente com a higiene pessoal e bastante organizado com os afazeres domésticos e da escola.
- Quando bebê, não teve nenhum medo/insegurança quando começou a caminhar, descer escadas, etc.
- Vitor e sua mãe são bem próximos, brincam bastante juntos.

- Em casa: Vitor gosta de brincar com a sua cachorrinha e andar de bicicleta, em geral é bastante sossegado, gosta de atividades mais calmas como desenhar, folhear livros, pintar, etc.

- Continua dormindo com os pais, às vezes, mesmo estando com 10 anos.

- Sempre falou muito ligeiro, precisando ser solicitado a falar mais devagar para ser melhor compreendido.

- Adora provocar o irmão.

- Alfabetizou-se no 2º ano do Ensino Fundamental – concluindo que “agora não posso mais brincar”.

- Sobre o pai: segundo a mãe, ele é “quietão”. Foi dele a ideia de dizer que, se ele não chorasse quando começou a frequentar a escola – na Educação Infantil –, ganharia de presente uma bicicleta.

- Sobre a mãe: ficava muito tempo longe por causa do trabalho, até os dois anos de vida do Vitor ele ficava com a avó.

4.2 Fatores internos

4.2.1 Um primeiro olhar sobre o Vitor

Neste subcapítulo, descreverei o que de mais importante observei e refleti no primeiro contato que tive com o Vitor, ao longo da minha miniprática, no *primeiro semestre de 2012*.

Vitor, naquela época, era um menino de 9 anos de idade, estudante do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Novo Hamburgo. Muito afetivo, recebeu-me muito bem naquela semana de observação. Logo percebi que sua comunicação verbal e corporal eram muito específicas – segundo sua professora, ele tinha um “perfil feminino –, com a voz fina e gesticulação mais comuns em meninas”.

A sua relação com os outros colegas era um pouco complicada, ele sempre tentava estar entre eles, mas não eram raras as incidências de brigas. Percebia-se que os alunos se irritavam muito facilmente com ele, algumas vezes o queriam por perto para brincar, mas, em outras, o “desprezavam”. Durante a entrevista realizada para este estudo, um de seus colegas passou correndo por ele e o chamou de “biba”, apelido pejorativo para homossexual.

Diante dos trabalhos de aula, Vitor sempre se mostrava bastante autônomo, questionando a professora apenas quando necessário. Em trabalhos em grupo, era visível que se alterava muito facilmente, por julgar estar certo e querer mostrar isso aos colegas.

De acordo com a professora titular na época, o motivo de ela ter apontado Vitor como um aluno com problemas de aprendizagem é que ele apresentava muita *falta de atenção* – principal motivo de reclamação –, que resultava nas dificuldades em calcular adição e subtração, na compreensão textual, em dificuldades para resolver problemas matemáticos, etc.

Os alunos desta turma, em geral, eram bastante agitados, sempre que possível estavam virados para os lados e para trás para conversar, pedir ajuda e objetos emprestados, o que acabava atrapalhando o desenvolvimento da aula. Os trabalhos em grupo não deixavam de ser feitos, no entanto, essas atitudes exigiam muita paciência da professora.

Entrevista com o aluno em 2012:

- 1) **Quais são as coisas que mais gostas de fazer?** (Ele respondeu sem pestanejar). Estudar, fazer “contas de ‘mais e menos’”.
- 2) **O que não gostas de fazer?** Brigar.
- 3) **O que achas da escola?** Boa, bonita, tem plantas bonitas.
- 4) **O que é legal e o que não é legal na escola e por quê?** *Legal* – as salas de aula são muito bonitas. *Não é legal* a frente da escola, por causa dos paralelepípedos – fica feio.
- 5) **O que é fácil e o que é difícil na escola?** *Fácil*: Brincar. *Difícil*: Matemática, provas.
- 6) **O que fazes quando tens alguma dificuldade na escola?** Não peço ajuda.
- 7) **Fazes as tarefas da escola?** Sim.
- 8) **Quem te ajuda em casa?** Quando tenho dúvidas, minha mãe, meu pai e meu irmão.
- 9) **Tu lembras de quando tu havias recém entrado na escola? O que lembras dessa época?** Sim, lembro que tinha muito poucos amigos (ele tinha 4 anos).
- 10) **Tu sempre estudaste nesta escola? Outras?** Sim, desde o início.
- 11) **O que é ser bom aluno para ti?** Ser educado, ter amor pelos outros.
- 12) **O que é ser um bom professor para ti?** Um professor bom é aquele que dá amor, é educado, que escuta o que os alunos dizem, tira dúvidas, não xinga e nem grita com os alunos..
- 13) **Se tu fosses profe. da tua turma, o que farias igual e/ou diferente do que o a tua profe. faz?** Faria tudo diferente – “seria mais legal”, faria *atividades mais fáceis*, haveria hora para tudo, e não só para gritos.
- 14) **O que queres ser quando crescer?** Professor!

4.2.2 *O segundo olhar sobre Vitor*

Neste segundo subcapítulo, há um relato, uma entrevista com o Vitor e uma reflexão acerca do que observei neste primeiro semestre de 2013, exatamente um ano depois do primeiro contato com o Vitor.

Vitor agora tem 10 anos de idade, é aluno de uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental da mesma escola municipal, continua muito carinhoso e adora estar junto e ajudar seus colegas e professores.

Sempre se demonstra muito alegre, sem nada aparentemente o incomodando, é participativo e questionador, não tendo vergonha de questionar quando tem alguma dúvida, mesmo se esta possa parecer óbvia para alguns colegas. Participa e demonstra interesse nas atividades propostas e busca realizar as atividades propostas com bastante capricho.

Enquanto estive observando esta turma, pude perceber que o Vitor acompanha o ritmo dos colegas, realizando ao mesmo tempo que a maioria os cálculos, cópia do quadro, dentre outras atividades. A leitura é realizada de forma bastante pausada, o que possivelmente contribui para que se distraia mais facilmente e não compreenda tão bem textos e histórias matemáticas.

No ano passado, quando realizei nesta turma minha miniprática obrigatória do curso de Pedagogia, observei que ele era mais disperso do que atualmente, desconcentrava-se com mais facilidade, sempre que possível estava virado para trás, com conversas paralelas. Agora, possivelmente por estar sentado ao lado de uma aluna nova que se mostra bastante dedicada e concentrada, ele está mais atento. Em certa ocasião, presenciei a colega de Vitor chamando-lhe a atenção, dando-lhe um “cutucão” no braço quando percebeu que ele havia se distraído.

Sua linguagem não verbal é bastante expressiva, ele gesticula de forma bastante peculiar e às vezes caminha de uma forma mais desenvolta do que a maioria dos meninos, o que parece ser uma das causas mais fortes do preconceito em relação a ele e motivo de chacotas dos colegas, o que resulta no distanciamento entre eles e no seu sofrimento.

A relação entre Vitor e a professora, Angela, parece ser muito boa, ele parece gostar muito dela. Houve um episódio que demonstra isso claramente: após um feriado prolongado, de 3 dias, ele entregou-lhe uma cartinha, agradecendo por tudo que ela lhe ensinou, dizendo que a ama, que a acha bonita demais, divertida e engraçada, além de dizer que sabe que, em sua aula, há o momento de brincar e o momento de aprender.

Em casa, Vitor adora brincar com sua cachorrinha, uma mistura de poodle com vira-lata. Além disso, gosta de andar de bicicleta, estudar, ler gibis e cuidar do seu passarinho. À noite, também gosta de assistir às novelas Carrossel e Salve Jorge, e enfatiza que, quando perde um capítulo, fica bastante irritado.

A relação entre Vitor e seus colegas é bastante conflituosa e, apesar de aparentar gostar de todos, Vitor acaba se metendo em confusões com bastante frequência. Minha hipótese é a de que isto ocorra por ele estar querendo se enturmar nas brincadeiras na hora do recreio e escolher as crianças erradas – que costumam incomodar os colegas, metendo-se em confusão e que declaradamente não gostam dele – para seguir e imitar.

No pátio, durante a hora do recreio, Vitor fica a maioria do seu tempo tentando interagir com os meninos, principalmente das brincadeiras em que Pedro está participando. Porém, o passatempo preferido deste parece ser fugir do Vitor e atrapalhar as brincadeiras dos outros colegas. Em dado momento, Pedro correu até a mesa onde dois colegas estavam jogando xadrez e derrubou parte das peças, Vitor imediatamente fez o mesmo, sendo posteriormente repreendido pelas professoras. Em alguns poucos momentos, Vitor brinca com a sua grande amiga, Juliana.

Assistir a alguns dos recreios da turma do Vitor deixou evidente o quanto ele quer participar e ser aceito no grupo, mesmo que, para isso, seja necessário infringir certas regras.

Entrevista com o aluno

- 1) **Quais são as coisas que mais gostas de fazer?** Gosto de estudar matemática e brincar de pega-pega.
- 2) **O que não gostas de fazer?** Brigar.
- 3) **O que achas da escola?** É divertida, tem projetos legais – ele ressalta, em especial, o projeto dos Monitores Ecológicos –, gosta da cor das paredes, dos brinquedos, dos lanches saudáveis – fruta, arroz, feijão, cenoura.
- 4) **O que é legal e o que não é legal na escola e por quê?** *Legal* – as salas de aula são muito bonitas. *Não é legal* a frente da escola, com a calçada desnivelada, onde muitos tropeçam. Diz que também não gosta de ser chamado de gay, fica chateado.
- 5) **O que é fácil e o que é difícil na escola?** *Fácil*: Matemática, brincar, ler. *Difícil*: Provas – perguntas difíceis. Monitores Ecológicos – mexer na terra. (apesar de adorar este projeto, não gosta de mexer na terra por causas dos bichinhos que vivem nela).
- 6) **O que fazes quando tens alguma dificuldade na escola?** Pergunto para a professora Angela e ela responde. Ela só não responde na hora da prova, então eu penso bastante e consigo.
- 7) **Fazes as tarefas da escola?** Sim, faço quando eu chego em casa porque daí estou livre, não deixo para o final de semana, porque teria que levar junto para fazer durante os passeios e nas casas de amigos.

- 8) **Quem te ajuda em casa?** Quando tenho dúvidas, minha mãe, meu pai e meu irmão. Mas raramente tenho dúvidas.
- 9) **Tu lembras de quando tu havias recém entrado na escola? O que lembras dessa época?**
Sim, lembro que era divertido, a professora era muito legal!
- 10) **Tu sempre estudaste nesta escola? Outras?** Sim, desde o início.
- 11) **O que é ser bom aluno para ti?** Ser estudioso, gostar de fazer o tema, participar e não ficar “fazendo cara feia” para o que a professora pede.
- 12) **O que é ser um bom professor para ti?** É ser igual a prof. Angela. Ela é muito legal, tem hora de brincar e de aprender, ela escuta o que agente fala, explica se temos dúvidas,
- 13) **Se tu fosses profe. da tua turma, o que farias igual e/ou diferente do que o teu profe. faz?** Igual: Explicar bastante para todos tirarem notas boas. Diferente: Não gritar.
- 14) **O que queres ser quando crescer?** R: Professor!

4.2.3 Refletindo sobre esses dois “olhares”: o que mudou entre um ano e outro?

Ao longo deste ano que passou desde o meu primeiro contato com a turma, mais especificamente com o Vitor, muitas coisas mudaram, outras nem tanto. Este subcapítulo aborda as principais diferenças notadas ao comparar as duas entrevistas.

Na primeira pergunta feita ao Vitor – *“Quais são as coisas que mais gostas de fazer?”* –, obtive nas duas vezes (2012 e 2013) a mesma resposta: estudar matemática!

Percebi que o estudar – em geral – é muito importante para ele, algo a que dá prioridade. Como foi comentado ao longo da entrevista, Vitor é bastante organizado a respeito dos estudos, nunca deixa os seus deveres de casa para o final de semana ou para a última hora. Procura sempre fazê-los logo quando chega em casa, para não precisar se preocupar depois.

Um dado muito interessante é que, em 2012, Vitor relatou que o que mais gostava de fazer eram cálculos de adição e subtração, sendo que, naquela época, ele tinha grandes dificuldades em matemática. Com a ajuda da sua psicopedagoga, enfrentou essas dificuldades e atualmente está se saindo muito bem, obtendo nota 80 na sua última prova. Isso é motivo de grande orgulho e felicidade para ele, algo que ele deixa transparecer quando fala sobre o assunto.

Na quarta pergunta – *“O que é legal e o que não é legal na escola e por quê?”* –, novamente as respostas foram as mesmas nos dois anos. No entanto, foi acrescentado que ele *não achava legal que o chamassem de gay e de outros apelidos pejorativos*. O que antes, no

ano anterior, já o incomodava, mas não o suficiente para ser exposto na entrevista, desta vez teve destaque. Vitor acrescentou ainda que isto o deixa muito chateado.

Na quinta questão – “*O que é fácil e o que é difícil na escola?*” –, foi nítida uma grande diferença entre um ano e outro. Uma das coisas que antes era considerada difícil – matemática –, atualmente é considerada fácil. O que permaneceu igual nas duas entrevistas é que a *prova* é algo considerado bastante difícil, isso porque, segundo Vitor, elas sempre têm perguntas difíceis.

Outra questão muito interessante está relacionada à sua resposta quanto a *algo considerado fácil para ele* associada à matemática e a ler (em 2013), sendo que estas foram consideradas pela professora suas maiores dificuldades.

Na sexta questão – “*O que fazes quando tens dificuldades na escola?*” –, vemos novamente uma grande diferença entre um ano e outro. Em 2012, Vitor me explicou que, quando tinha dificuldades em sala de aula, não pedia ajuda à professora, tentava solucionar seus problemas sozinho. Na época, dois alunos da mesma turma me deram respostas semelhantes. Acredito que isto se deva ao fato de esses alunos terem medo de questionar a professora da época, que, apesar de não recriminar a turma ao tirar suas dúvidas, aparentava ser mais séria, o que, talvez, fosse o motivo de maior receio por parte dos alunos.

Já nesta última entrevista, Vitor me relatou buscar auxílio da professora Angela e que, quando ele busca essa ajuda, ela sempre responde de forma muito calma e tranquila, com exceção dos dias em que estão em provas, caso em que ele tem de achar as respostas sozinho. Vitor ainda me contou que a Prof. Angela é “superatenciosa”, que busca tirar todas as dúvidas dos alunos, ficando até mesmo, em alguns casos, “um tempão explicando novamente o conteúdo por causa de um aluno que não o compreendeu”.

Na 11ª questão – “*O que é ser bom aluno para ti?*” –, Vitor me explicou o que considera serem as características de um bom aluno. Em 2012, ele explicou que um bom aluno é aquele que “*é educado e tem amor pelos outros*”, não enfatizando tirar notas boas, ou algo do gênero. Já neste ano, 2013, Vitor realçou as suas próprias qualidades : “*ser estudioso, gostar de fazer o tema, participar e não ficar ‘fazendo cara feia’ para o que a professora pede*”.

Na questão seguinte, quando perguntei “*O que é ser um bom professor para ti?*”, percebi novamente a diferença que fez este ano em que estivemos distantes. Em 2012, a resposta havia sido: “*Um professor bom é aquele que dá amor, é educado, que escuta o que o aluno diz, tira dúvidas, não xinga e nem grita com os alunos*”. Desta vez, obtive como

resposta: *“É ser igual à prof. Angela. Ela é muito legal, temos a hora de brincar e a de aprender, ela escuta o que a gente fala e explica se temos dúvidas”*.

Essas duas respostas tão distintas deixam claro que as características de um bom professor citadas por ele em 2012 foram substituídas pela figura concreta da sua professora atual. Isso mostra o quanto Vitor está contente com a sua nova professora, não apenas por ela ser “superquerida”, mas porque ele sabe que poderá contar com ela, para escutá-lo e auxiliá-lo e tirar suas dúvidas escolares.

Quanto à 13ª questão – *“Se tu fosses professor da tua turma, o que farias igual e/ou diferente do que o teu professor faz?”*: em 2012, Vitor respondeu que *“Faria tudo diferente – seria mais legal, faria atividades mais fáceis, haveria hora para tudo e não só para gritos”*; o que demonstrou que, para ele, “ser legal” está relacionado a fazer atividades mais fáceis, para que ele consiga acertá-las, já que, naquela época, apesar de gostar de matemática, ele estava com dificuldades nesta matéria. Certamente, era complicado para ele lidar emocionalmente com as constantes atividades consideradas difíceis⁴ por ele.

Já neste ano, a resposta foi *“Eu faria igual: explicar bastante para que os alunos possam tirar notas boas. E faria diferente: não gritar”*. Com esta resposta, percebi que novamente o “não gritar” estava presente, assim como no ano anterior. E, como eu observei esta turma e suas respectivas professoras nos dois momentos, percebi que nenhuma delas tinha o costume de gritar em sala de aula, salvo raras exceções. Porém, ao perguntar ao Vitor qual era o motivo de a professora gritar, obtive como resposta “porque a turma não se comporta”. Refletindo sobre essa aparente controvérsia, cheguei à conclusão de que o “gritar” a que Vitor se refere está relacionado ao falar mais seriamente com a turma e com o tom de voz mais alto, e não a gritar de fato.

Para finalizar a entrevista, questionei *“O que queres ser quando crescer?”*. A resposta foi incisiva, “PROFESSOR!”, assim como no ano anterior. Este seu desejo vem acompanhando-o, e parece ser algo que realmente ele deseja. Ao perguntar acerca da matéria que ele gostaria de lecionar como professor, ele respondeu que não tinha nenhuma predileção, que gostaria de ser “professor de qualquer matéria, desde que professor”.

Acho que essa vontade de seguir essa carreira vem justamente de querer provar que ele é inteligente e capaz, da vontade de estar de volta à escola, mas dessa vez no papel de um professor, com o intuito de ajudar outros alunos, realizando atividades de acordo com a capacidade cognitiva de cada um, ouvir e ajudar a todos, explicando bastante para que todos

⁴ Quando falo em “atividades difíceis”, refiro-me exclusivamente à percepção do Vitor acerca delas, já que, em geral, o restante da turma não demonstrava ter problemas com o seu nível de dificuldade.

possam obter boas notas, e assim *ser adorado e respeitado* por todos, o que no seu momento atual, infelizmente, não vem ocorrendo.

4.2.4 Par Educativo – O que os desenhos do Vitor parecem dizer

Na segunda parte da entrevista, realizei com o aluno uma atividade denominada Par Educativo, um teste projetivo gráfico muito importante na avaliação psicopedagógica.

Segundo Gola:

[...] as técnicas projetivas nos aproximam do funcionamento psíquico do sujeito, facilitando o acesso a conteúdos inconscientes. A projeção nos conduz ao conhecimento do que não é dito abertamente. Ao avaliarmos uma criança com dificuldades na aprendizagem, estamos tentando conhecer especialmente a relação vincular estabelecida na aprendizagem e como está sendo vivenciada. (1999, p. 55)

Este teste funciona da seguinte forma: solicita-se que a criança desenhe uma pessoa que aprende e uma que ensina, sugerindo, a seguir, que ela formule uma história oralmente ou por escrito envolvendo esses dois personagens, dando nome e idade aos mesmos. É possível, por meio disso, interpretar as concepções da criança acerca das relações ensinante-aprendente, do papel vivido na escola, em turma, de possíveis rejeições às situações escolares, ou seja “o desenho que a criança faz auxilia a esclarecer dificuldades que são manifestadas nas queixas da escola e da família” (GOLA, 1999, p. 55).

Do primeiro Par Educativo que realizei, em 2012, para este, em 2013, algumas características se mantiveram e novas questões surgiram. Neste subcapítulo, farei essa comparação.

Ao observar os dois desenhos solicitados com um ano de intervalo, percebi que, tanto no primeiro quanto no segundo desenho, Vitor representou uma sala de aula com um professor e um aluno (*ver Anexo I*).

No primeiro desenho, a mesa do professor ficava em um canto da sala e a do aluno no outro lado. No entanto, mesmo a mesa do professor estando distante do aluno, esse se encontrava parado ao lado do seu aprendiz, auxiliando-o. Já no segundo desenho, as mesas estão mais próximas, no entanto o professor não está mais ao lado do aluno, e sim mais próximo do quadro, o que nos permite inferir que, antes, o aluno precisava de alguém mais próximo, auxiliando-o constantemente, já no segundo desenho, percebe-se que ele não precisa mais de alguém tão próximo, o que faria sentido no panorama atual, em que o Vitor já consegue lidar melhor com algumas de suas dificuldades.

É importante resaltar que, no momento em que este Par Educativo foi aplicado, Vitor havia se saído muito bem na primeira prova aplicada neste ano, relacionada unicamente a cálculos matemáticos, em que obteve nota 80. Acredito que esta nota possa ter influenciado na representação de uma independência aparentemente maior do aluno neste desenho.

Percebe-se que nos dois desenhos o aluno representou a figura de ensinante como uma mulher (professora) e a do aprendente como um menino. A diferença que podemos perceber nestes personagens, ao comparar os dois desenhos, é a forma de representação da figura humana: o que antes era um desenho simples, representando apenas as partes consideradas “principais” do corpo (como olhos, boca, nariz – apenas uma bolinha e nem sempre aparecia – cabelos, braços, mãos, corpo, pernas e pés) transformou-se em um desenho cheio de características mais detalhadas, onde várias outras partes do corpo apareceram, como os cílios, nariz, etc.

Uma das grandes diferenças nestes dois desenhos está relacionada às cores utilizadas. No primeiro, houve a predominância de cores mais quentes – vermelho e rosa. Já neste segundo, tudo estava mais alegre, porém aparentemente mais calmo, com o uso de várias cores diferentes, tais como rosa, azul e verde. Ao observar estes dois desenhos, tenho a impressão de que as cores mais fortes predominantes no primeiro desenho – que passam até mesmo uma impressão de angústia – simbolizavam inquietação, algo que talvez o estivesse preocupando, já que a cor vermelha não é uma cor tranquila. Isto nos permite ponderar que talvez o aprendizado na época fosse algo bastante difícil para ele, batalhado e suado, não algo que ele visse com tranquilidade. Já no segundo desenho, tudo parece estar mais leve, mais alegre, aparentando que ele agora vê a aprendizagem de forma mais natural.

Quando solicitei que Vitor escrevesse sobre o que estava se passando na época do primeiro desenho, ele disse: “*Era uma vez um escola buitu bonita e nela tinha uma profesora que imsinava um aluno que tinha 8 anos!*” (Era uma vez uma escola muito bonita e nela havia uma professora que ensinava um aluno que tinha 8 anos!). É interessante atentarmos para o fato de que ele não diz que “o aluno aprendia”, enfatizando apenas que “o professor ensinava”, contraste que podemos notar de forma mais nítida ao lermos a explicação dele para o segundo desenho. Já sobre o segundo desenho, Vitor escreveu que: “*Essa história o Vitor esta aprende coisas sobre matematica com a Angela e ela estava esplicando pra ele*”. Neste desenho, percebe-se a colocação do aprendente como sendo a representação do próprio Vitor, que atualmente adora matemática e estava se saindo muito bem até então. Esta facilidade com esta matéria parece deixá-lo mais feliz e calmo, o que transparece em seu desenho pelo uso de cores alegres e claras.

Em 2012, os nomes dados aos personagens dos desenhos foram Leonardo – o aluno –, e Gabriela – a professora. Nesta época, perguntei-lhe o que motivou a escolha dos nomes para os personagens, ao que ele respondeu que são nomes que ele considera bonitos.

Com esta resposta sucinta, optei na época por fazer a mesma pergunta de outra forma: Você conhece alguém com o nome de Leonardo?

Ele respondeu que tinha um amigo de sua sala de aula com esse nome, mas que ele havia saído da escola. Aproveitei e perguntei como ele era, obtendo como resposta suas características. Questionei ainda se o Leonardo era inteligente, ao que ele respondeu que ele tinha algumas dificuldades, mas não sabia exatamente em quê.

Perguntei também sobre a “prof. Gabriela”. Ele disse que tem uma vizinha com esse nome, que ela é muito querida e que brinca com ele, às vezes.

Já no segundo desenho, Vitor representou a si mesmo no menino que estava aprendendo e chamou de Angela a professora que o estava ensinando. Neste momento, indaguei ao Vitor a qual professora ele se referia, à professora titular da turma dele ou a mim, já que ambas temos o mesmo nome. Obtive como resposta que era a mim, no entanto, não há como saber exatamente se foi realmente a mim que ele queria representar ou se esta resposta foi-me dada apenas para não correr o risco de me deixar triste.

O que me chama muito a atenção nas salas de aula dos dois desenhos realizados no Par Educativo é que, em cada um, há duas câmeras filmando, como as que existem nas entradas de prédios (câmeras de segurança). Estas câmeras surgiram também em outros desenhos que ganhei dele ao longo das duas semanas que estive com esta turma em 2012 e também agora, em 2013, onde estas apareceram em desenhos feitos em dois trabalhos solicitados pela professora titular (*ver Anexo II*). Considerando que estes outros desenhos retratavam ambientes externos à escola – como o seu quarto, a natureza, um passeio feito pela cidade – e que, mesmo assim, estes objetos se encontravam presentes, seja escondidos na grama, seja na parede do lado de fora da casa, na parede do quarto, etc., penso que eles podem representar a sensação de ser vigiado constantemente, não apenas pelos professores, devido às suas dificuldades de aprendizagem, mas também pelos seus colegas de aula que o rotulam e o chamam por nomes pejorativos.

5 PLANEJAMENTO DA AÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

A partir de todas as entrevistas, observações e reflexões feitas até aqui, percebi que o Vitor tem obtido grandes avanços em relação às suas dificuldades anteriores em cálculos matemáticos, o que nitidamente lhe traz grande orgulho. Este avanço se deve principalmente à sua psicopedagoga, com quem Vitor fazia⁵ um acompanhamento semanal e que lhe auxiliou a avançar e superar parte dessas dificuldades. Segundo sua mãe, ele tinha uma espécie de “bloqueio”, que não permitia que ele fosse adiante.

No entanto, algumas dificuldades ganham maior destaque no início deste ano, como a sua leitura em voz alta, pausada demais, a interpretação de histórias matemáticas – questão comentada pela professora – e, ainda na área da escrita, estão presentes também as trocas “surdas sonoras” *P/B, C/G e J/G* -> *CH/X*, ainda que apenas ortograficamente, não na fala. Ao observar que Vitor se alfabetizou apenas no segundo ano e que vem obtendo melhoras significativas na escrita, espera-se que esta troca seja passageira, pois, apesar de este problema não ser mais esperado para a idade dele, acredito que isto se deva à alfabetização mais tardia do que a maioria dos seus colegas. Com uma ajuda direcionada a essas dificuldades, creio que essas trocas sejam superadas.

Conforme abordado no item 4.1.2 (*Conhecendo a sala de aula e a turma em que Vitor estuda*), outro fator que está mais presente atualmente do que no ano passado e tem incomodado bastante o Vitor diz respeito ao preconceito que ele vem sofrendo por parte de seus colegas de escola. Ele é insultado e ironizado de forma frequente, principalmente nos momentos em que os professores não se encontram presentes.

Ao refletir sobre quais intervenções poderiam ser realizadas com o Vitor, eu tinha como objetivo realizar atividades que tivessem como foco suas principais dificuldades, o problema com a interpretação de historinhas matemáticas e a troca entre surdas e sonoras, trabalhando concomitantemente para ajudá-lo no aumento da sua autoestima, fator central para que ele consiga lidar de forma melhor não apenas com o preconceito que sofre com tanta frequência, mas também com as suas próprias dificuldades na escola. Para atingir tais objetivos, realizei 10 sessões de 45 a 60 minutos cada, as quais serão discutidas no próximo item.

⁵ Atualmente, Vitor não está mais frequentando as sessões como a sua psicopedagoga devido a problemas familiares.

5.1 Implementação da ação psicopedagógica

Na implementação desta ação psicopedagógica, planejei realizar um total de 10 sessões de 45 a 60 minutos cada. Neste subitem, explicarei cada sessão e farei alguns comentários acerca de como cada uma destas se desenvolveu.

Primeira sessão:

Atividade proposta: STOP

Objetivo: Esta atividade tinha como objetivo delimitar o foco das futuras intervenções observando como estava a leitura do Vitor, se ele a realizava de forma mais “lexical” ou mais “fonológica”⁶, já que, na etapa da alfabetização em que ele se encontra, ele já deveria estar lendo palavras com mais fluência, e não focando apenas na via fonológica.

Desenvolvimento: O STOP consiste em apresentar ao aluno, dentro de um saco de tecido, papeizinhos com várias palavras aleatórias, dentre elas alguns com o dizer *stop*. A criança ou o profissional deveriam iniciar a atividade retirando palavra por palavra de dentro do saco, ler e sortear a próxima, até ser encontrado o *stop*. Em seguida, é a vez do seu adversário iniciar a coleta e leitura das palavras sorteadas até o *stop* ser novamente encontrado. Nesta atividade, havia palavras mais comuns, às quais bastava um olhar rápido para reconhecê-las: “casa”, por exemplo, que permitiam uma leitura lexical. Havia também, porém, outras palavras mais longas ou menos comuns no cotidiano de uma criança, que muitas vezes exigem, portanto, uma leitura fonológica – letra/som por letra/som.

Comentários: Através desta atividade, percebi que, durante a leitura em voz alta, surgiram erros como: “gara” (garra); “guitara” (guitarra) –, além de dificuldades na leitura de palavras como “excepcional” e “ricochetear”, que ainda são consideradas normais para esta faixa etária. No entanto, ao observar as produções escritas de Vitor – num total de 5 – após esta atividade, foi possível perceber a necessidade que ele apresenta de um trabalho mais aprofundado acerca dos sons dos fonemas **P/B** (“brimo” para primo e “sopre” para sobre); **C/G** (“agreditavam” para acreditavam) e **J/G** -> **CH/X** (“geio” para cheio; “jocalho” para chocalho).

⁶ A via fonológica se dá em casos de palavras desconhecidas ou com as quais não estamos habituados, em que a leitura se dá de forma muito mais pausada, pois temos que transformar unidades ortográficas em sons, juntar esses sons, reconhecer a representação completa e, só então, chegar aos conhecimentos semânticos associados a ela. Já na via lexical, “[...] o reconhecimento da palavra e o acesso ao seu significado são, na prática, dois processos simultâneos. Reconhece-se a ortografia da palavra *bíblia* com a mesma rapidez com que se reconheceria um desenho de uma bíblia ou o objeto em si [...]” (SÁNCHEZ, 2004, p. 93).

Durante esta atividade, percebi que Vitor se desestimula rapidamente, o que deverá ser levado em consideração no planejamento das sessões subsequentes. Outro fator que merece destaque está relacionado à sua educação, respeito e carinho pelas pessoas. Percebi que Vitor não gosta de ver que outras pessoas estão com dificuldades em certa atividade, ou que estas estão perdendo um jogo (como foi o meu caso hoje), por isso, sempre busca ajudar de alguma forma para incentivar ou, ao menos não deixar as pessoas tristes.

Segunda e terceira sessões

Atividade proposta: Utilização do Instrumento de Avaliação Sequencial de Consciência Fonológica – CONFIAS.

Objetivo: Segundo a descrição deste material na parte de traz do livro, “o CONFIAS é um instrumento que tem como objetivo avaliar a consciência fonológica de forma abrangente e sequencial. A utilização deste instrumento possibilita a investigação das capacidades fonológicas, considerando a relação com a hipótese da escrita de Ferreiro e Teberosky”. No entanto, no caso do Vitor, este instrumento foi utilizado com a finalidade de ser uma ajuda adicional para ele, permitindo que ele reflita sobre os sons das palavras. Este possibilita que o aluno escute fonema por fonema e, assim, perceba algumas diferenças entre sons como o P/B, o C/G, etc.

Desenvolvimento: A aplicação deste instrumento foi dividida em duas sessões, justamente para que não se tornasse algo cansativo e desestimulante. No primeiro dia, foi realizado um conjunto de 9 tarefas voltadas para o som das sílabas. Já no segundo dia, os fonemas foram trabalhados em um total de 7 tarefas. Esta atividade foi realizada em um ambiente fechado e tranquilo, o que possibilitou que o Vitor mantivesse total concentração.

Comentários: Com a utilização deste material, pude constatar que Vitor demonstrou um desempenho bem baixo no nível da sílaba, 30 acertos, nível em que, para um alfabético, o desempenho mínimo encontrado é de 31 e o máximo é de 40. Quanto ao fonema, o número mínimo de acertos encontrados (para alfabéticos) é 15 e o máximo é de 26, sendo que ele fez 24.

Um fator muito importante que deve ser levado em consideração neste resultado é que as médias de referência se referem a testes feitos por alunos de educação infantil e de primeira série e, como ele está no 4º ano, seria esperado dele um resultado melhor do que as médias apontadas neste material. Desta forma, vemos que ele apresenta alguma dificuldade na consciência fonológica e que pode se beneficiar de um trabalho que tenha uma intervenção voltada para isto.

Percebi, ao longo destas duas sessões em que utilizamos o Instrumento CONFIAS, que o Vitor sempre procurou responder rapidamente às perguntas, o que algumas vezes atrapalhava no seu raciocínio. Vitor demorava mais a responder somente quando surgiam dúvidas maiores, casos em que ele permanecia em silêncio, tentando lembrar as palavras que haviam sido ditas. Percebendo que ele não havia conseguido relacionar as palavras especificadas com o que havia sido solicitado, eu perguntava a ele se ele queria que eu fizesse uma nova leitura desta, para só então ele me fazer sinal de positivo com a cabeça, querendo dizer que “sim, quero que leia mais uma vez”. Pude notar através desta atividade, que ele demonstra ainda ter um receio em perguntar novamente, talvez por estarmos apenas iniciando estas atividades – mesmo que já nos conhecêssemos –, ele pode ainda não se sentir totalmente à vontade para solicitar ajuda.

Quarta, quinta e sexta sessões

Atividade proposta: Trabalho direcionado as trocas entre surdas e sonoras *P/B, C/G e J/G -> CH/X*.

Objetivo: Este trabalho foi escolhido justamente por aparecerem em suas redações as trocas entre surdas/sonoras citadas acima, o que demonstra que ainda há dificuldade nas suas diferenciações. Por este motivo, este trabalho tinha como objetivo permitir uma maior reflexão e conscientização do Vitor acerca das diferenças entre esses sons, auxiliando-o na superação das trocas que ele costuma fazer.

Desenvolvimento: Para que esta atividade obtivesse um melhor resultado, foi feito um trabalho específico sobre cada uma dessas trocas – uma por sessão.

Este trabalho foi embasado no livro *A escrita ortográfica na escola e na clínica*, de Sônia Moojen (2009), e foi dividido em três momentos: o primeiro momento foi dedicado a representar graficamente as diferenças entre os fonemas *P/B, C/G e J/G -> CH/X* em uma folha de papel ofício (p. ex., pa, pe, pi, po, pu X ba, be, bi, bo, bu).

Estabelecidas essas diferenças, trabalhamos as diferenças orais desses pares através de atividades como colocar a mão ou um papel na frente da boca e perceber as diferenças de quantidade de ar que saem nestes dois casos; colocar a mão no pescoço e pronunciar novamente os dois fonemas, sentindo desta forma a vibração ou a falta dela. Esta vibração também pode ser sentida colocando-se a mão na cabeça ou no ouvido.

Em seguida, selecionamos apenas os 3 fonemas surdos trabalhados (/p/, /c/ e /ch/), pois partimos do pressuposto que, se bem entendido o som destes fonemas surdos, o aluno automaticamente saberá diferenciá-los dos fonemas sonoros.

Em outra folha, desenha-se novamente o fonema surdo, no caso o /p/, e solicita-se que o aluno diga, oralmente e por escrito, palavras que sejam iniciadas ou que tenham no meio delas esse som: pato, pipoca, sapato, etc. Sempre que uma palavra for escrita, deve-se fazer o desenho representando esta palavra, além de grifar com uma caneta hidrocor a sua letra inicial.

Comentários: Em todas as etapas dessas atividades, o Vitor se mostrou bastante esperto e rápido, já lembrando como havíamos procedido na sessão anterior, com o outro par de fonemas. Durante a atividade de escrever palavras com a letra estudada e, ao lado dela, representá-la através de um desenho, Vitor gostou de brincar comigo de adivinhar qual palavra ele havia desenhado, apenas me dizendo o seu início sonoro, por exemplo, “ca” – para carro – além da sua última letra.

No dia em que estudamos o fonema /c/, ao representar a palavra casa, Vitor desenhou uma pequenina casa, onde mal cabiam a porta e a janela, no entanto, novamente lá se encontrava uma pequena câmera, filmando a tudo e a todos. Isto é algo que me preocupa e que espero que o trabalho coletivo entre a escola, a psicopedagoga e a família possa auxiliá-lo a superar, pois passa a sensação de ele se sentir sendo constantemente vigiado, cuidado, observado.

Concomitantemente a essas atividades voltadas à escrita que se iniciaram a partir da quarta sessão, realizamos, sempre que sobravam alguns minutos, atividades voltadas para a *interpretação de historinhas matemáticas* – uma das dificuldades que foi ressaltada pela professora titular – e também demos início ao *planejamento e confecção do nosso livro de história*.

Minha orientadora e eu havíamos planejado que a criação de um livro fosse inspirada no livro *Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz*, de Otavio Roth (2000). No entanto, quando estávamos iniciando a confecção da capa do nosso livro (para deixar o Vitor mais à vontade, avisei a ele que faria também um livro sobre coisas que *me* deixam feliz), ele perguntou se poderia fazer um livro diferente, sendo este "sobre um menino muito brabo, que não aceitava nada, mas no final ele começa a aceitar as coisas (um menino que só sabe dizer não!)". Aceitei a ideia dele por saber que, muitas vezes, nos damos conta do que sentimos ao escrever sobre o assunto, como explica Weinberg:

[...] quando escreve, a criança classifica, ordena fatos, faz análises e sínteses, argumenta, tira conclusões. Assim ela trabalha cognitivamente o conflito psíquico. Mas além de expressar e organizar ideias, a escrita tem a função de expressar e organizar sentimentos e nomear sensações. (1999, p. 83)

O fato de eu ter aceitado sua sugestão o deixou muito feliz e motivado.

Sétima e oitava sessões:

Atividade proposta: Sistematização das trocas entre surdas e sonoras – exercícios para verificar as aprendizagens.

Objetivo: Esta atividade foi planejada para verificar como foi o entendimento da diferença entre os sons das trocas entre surdas e sonoras em que Vitor apresentava dificuldades.

Desenvolvimento: Para que este momento não se tornasse extremamente cansativo e desestimulante, ele foi dividido em duas sessões e ao final destas, deu-se continuidade à criação do livro.

Esses exercícios de fixação foram planejados justamente para que o Vitor pudesse refletir sobre os sons das letras trabalhadas e aplicar essas diferenças na prática.

A atividade foi dividida em 3 exercícios de completar as palavras com “p” ou “b”, “c” ou “g” e “ch” ou “g” e um ditado com diversas palavras onde estes sons apareciam. Por exemplo:

Complete com “P” ou “B”:

__ atata

Ca__elo

__icho

Es__ada

__anheira

Uru__u

Exemplo de palavras do ditado (este ditado foi inspirado em algumas palavras em que ele fazia trocas ao escrever seus textos): Primo, briga, banco, bolacha, acreditar, sapo, cheio, coxinha, acho (do verbo achar), etc.

Comentários: Durante estas atividades, Vitor demonstrou aproveitamento do que foi estudado até o momento, realizou as atividades em silêncio e com atenção, apenas solicitando ajuda para tirar algumas dúvidas sobre palavras com CH e X, em que o som é muito parecido.

Durante a atividade de completar palavras com “Ch/X” ou “G”, Vitor fez questão de dizer: “agora eu sei que *coxinha* (de *coxinha de galinha*) se escreve assim por causa do som”, o que me deixou feliz, pois algumas vezes anteriormente ele havia escrito “*coginha*”. Sua fala demonstra que ele tem percebido estas diferenças e refletido quase sempre sobre elas na hora de escrever.

No exercício onde ele deveria completar as palavras com “C” ou “G”, Vitor rapidamente completou tudo com “c”, mas, quando questionei se ele achava que *todas* aquelas palavras deveriam ser completadas “c”, ele respondeu que iria revisar o exercício. Este

momento mostrou que, às vezes, por ter pressa para terminar as atividades, as realiza de qualquer forma sem realmente pensar sobre o que está sendo pedido. No entanto, quando ele opta por revisar o trabalho, permanece concentrado e em silêncio percebendo seus erros e corrigindo-os, o resultado são apenas algumas poucas questões erradas.

O resultado dessas atividades me deixou muito contente, já que, tanto nos exercícios de completar quanto nos ditados, o número de erros foi muito inferior ao de acertos, além de demonstrar que muitos de seus erros atualmente são causados por falta de atenção, e não por não saber a diferença entre os sons.

Como tema de casa, solicitei ao Vitor que escrevesse um texto com a seguinte temática: “Como você acha que será o mundo daqui a vinte anos?”.

Nona sessão:

Atividade proposta: Correção conjunto do texto solicitado como tema de casa; atividade sobre representação de quantidades.

Objetivo: Reler o texto escrito para que o Vitor consiga perceber sozinho e, se necessário, conjuntamente, os erros de português cometidos nele. Em seguida, trabalhar a interpretação de quantidades através de desenhos.

Desenvolvimento: Planejei a atividade do texto para verificar como está a sua escrita no final deste percurso que realizamos juntos. Como eu já havia lido textos dele antes do início desta ação psicopedagógica, eu conseguiria ter uma ideia real de seus avanços.

Após a sua correção, solicitei ao Vitor que representasse algumas quantidades para mim em forma de desenho, por exemplo: “Hoje eu comi 3 maçãs e, amanhã, eu comerei o triplo. Quantas maçãs eu comerei amanhã?”. Esta representação através de desenhos foi feita com calma e, aos poucos, fui tornando-as mais complexas, de forma a trabalhar mais a fundo a sua interpretação.

Comentários: Iniciei esta sessão solicitando o texto de Vitor para eu ler enquanto ele arrumava seu material. Para a minha surpresa, ele me trouxe dois textos para que eu pudesse escolher o que eu mais gostasse, e apesar de os dois terem as mesmas ideias centrais, alguns detalhes eram diferentes.

Após a minha leitura, solicitei que Vitor relese os seus textos e procurasse alguns erros de português. Imediatamente ele pegou seu lápis e sua borracha e começou a ler o texto de forma muito concentrada, não tardando a iniciar a arrumar pequenos detalhes, desde a letra não tão legível a erros ortográficos. Ao final, solicitou que eu relese e visse se havia mais

algum erro. Ao ver que havia apenas uma troca surda, “ajo” (acho), logo percebi que, em outro momento do texto, ele a havia escrito corretamente, o que demonstra que a sua falta de atenção é um fator importante aqui, que o erro muitas vezes não é um sinal apenas de não saber a forma correta. Por isso, mostrei a forma errada e a correta escritas por ele e perguntei delas estava correta. Li a palavra enfatizando bastante os seus sons, de forma que o erro foi rapidamente arrumado.

Terminado este primeiro momento, iniciei a segunda parte da sessão solicitando que Vitor representasse algumas quantidades através de desenhos, como explicado acima. Durante o desenrolar desta atividade, Vitor repentinamente a interrompeu e pediu que eu lhe explicasse como fazer uma cálculo específico de divisão, demonstrando ter dúvidas nesta parte de matemática. Por isso, deixamos o planejamento um pouco de lado e começamos a estudar a divisão, parte a parte. Logo foram surgindo algumas dúvidas e também se tornou claro que Vitor errava a tabuada por não sabê-la ainda totalmente de cor, o que ocasionava o erro do cálculo inteiro. Por isso, ensinei a ele o “truque” que eu usava na escola: escrever no canto da folha de exercícios toda a tabuada logo no início da atividade, de forma a poder consultá-la na hora de fazer os cálculos. Neste dia, encerramos a sessão um pouco mais tarde, de tão envolvido e interessado que ele se mostrou.

Décima sessão

Atividade proposta: Término do Livro; aprofundamento do conhecimento sobre cálculos de divisão.

Objetivo: Esta sessão tem como objetivo terminar de realizar a parte escrita do livro, onde juntos poderemos verificar os erros ortográficos e corrigi-los, além de estudarmos e exercitarmos cálculos de divisão, buscando o seu completo entendimento.

Desenvolvimento: Esta atividade foi planejada com o intuito de terminar de construir a parte escrita do livro e, assim, podermos verificar e arrumar os erros de ortografia, conjuntamente se necessário. Desta forma, faltaria apenas criar a ilustração de cada página do livro, esta poderia ser realizada com calma em casa. Além da escrita da história em si, também foi proposta – e aguardada com ansiedade por Vitor – a escrita de um pouco sobre o autor do livro, juntamente com a sua foto, como havíamos visto no livro que lemos inicialmente.

Na segunda parte desta sessão, retomaremos a atividade voltada os cálculos de divisão que iniciamos na sessão anterior.

Comentários: Logo que iniciamos esta atividade, Vitor sugeriu de eu ajudá-lo a fazer o livro dele e não fazer mais o meu. Como queria que ele fizesse sozinho a parte escrita e imaginativa do seu livro, concordei de ajudá-lo e não escrever mais o meu, no entanto, consegui permanecer apenas conversando com ele e dando sugestões sobre a estrutura do livro, nada além disso.

Vitor fez toda a parte escrita do livro (sobre um menino que sempre fala “não” para tudo) e, na hora de finalizá-lo, ele me explicou que este teria que acabar com um final feliz, por isso inventou que o menino, pela primeira vez, disse “sim” para alguma coisa (vir para a escola estudar).

No segundo momento desta sessão, trabalhamos revisando a tabuada e mais especificamente cálculos de divisão, ajudei-o a compreender melhor como se fazia a divisão – já que ele havia solicitado ajuda com isto na sessão anterior.

Em princípio, de acordo com a professora, a sua dificuldade principal era de interpretação de historinhas matemáticas, no entanto, após tentar auxiliá-lo na questão de interpretação em algumas sessões em que sobraram alguns minutos, percebi que ele apresenta dificuldades que precisariam ser compreendidas por ele primeiro para que, só então, ele estivesse pronto para focar a interpretação, uma destas dificuldades está relacionada à divisão. Ao final desta sessão, Vitor já estava acertando praticamente todos os cálculos que lhe eram solicitados, inclusive solicitando alguns mais difíceis. Este entendimento do conteúdo permitiu que o ambiente se tornasse mais alegre, pois seu orgulho e alegria eram visíveis.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando, neste trabalho, optei por dar continuidade ao estudo de caso sobre dificuldades de aprendizagem que havia iniciado em 2012/1, estipulei como meu principal objetivo tentar auxiliar o Vítor, de forma que ele pudesse efetivamente buscar o caminho para solucionar algumas de suas dificuldades. Este auxílio não passava apenas por questões pontuais em português, leitura ou matemática, mas também por um trabalho cuidadoso relacionado ao fortalecimento de sua autoestima. A questão do preconceito que o Vítor vem enfrentando, por se mostrar um pouco diferente da maioria dos seus colegas meninos, parece ser o fator que mais influencia sua baixa estima. Vimos ao longo deste trabalho que este não é o único fator causador das dificuldades de aprendizagem que ele apresenta, mas não podemos ignorar a possibilidade de isso estar influenciando ou colaborando em certo grau para o agravamento de suas dificuldades. Concordo com Lemos (2007, p. 73) quando pontua que: “de acordo com as teorias psicopedagógicas, o *bullying* é considerado um dos atuais causadores de problemas de aprendizagem, visto ser capaz de desarmonizar as dimensões cognitiva, simbólica, orgânica e corporal”.

Um fator que foi surgindo ao longo do meu trabalho com o Vítor e que exige certa atenção está relacionado aos mecanismos de defesa a que ele parece recorrer para não se deixar abalar pelas dificuldades que tem sofrido ultimamente: as já citadas chacotas sofridas por parte dos seus colegas e as suas dificuldades na leitura/escrita e nas histórias matemáticas. Aparentemente, estes problemas não abalam o seu “alto astral”, já que ele se mostra sempre muito alegre e disposto a ajudar. Mas este “estar sempre muito alegre”, inclusive nos momentos em que é alvo de gozações, e o fato de dizer que considera fáceis as disciplinas nas quais ele, na verdade, apresenta mais dificuldades, me permite imaginar que isto seja apenas um mecanismo de defesa dele, já que “o método de negação, no qual se baseia a fantasia de inversão dos fatos reais nos seus opostos, é empregado em situações em que é impossível evitar uma impressão dolorosa externa” (FREUD, 1968, p. 105), sendo que estes mecanismos constituem operações de proteção do Ego para assegurar a própria segurança do indivíduo. Freud explica que

o método pelo qual a “dor” e a ansiedade objetivas são evitadas é muito simples. O ego da criança recusa-se a tomar conhecimento de uma certa realidade desagradável [...] e, através das fantasias que a criança constrói, ela se torna insensível à realidade em questão, o ego será poupado à ansiedade e não precisará recorrer a medidas defensivas contra os seus impulsos instintivos. (FREUD, 1968, p. 92)

Com tudo isso, torna-se claro que, para ajudar Vitor, seria necessário um trabalho bastante consistente envolvendo professora, escola, pais, trabalho especializado (no qual me incluo), trabalho de conscientização dos colegas e de suas famílias, sem descartarmos a importância de um acompanhamento emocional para o menino.

Creio que o Par Educativo e a Ação Psicopedagógica o ajudaram bastante. O Par Educativo foi um ponto de entrada muito importante, já que é através de atividades lúdicas como esta que as crianças expõem seus sentimentos e preocupações, é nestes momentos que ficam visíveis questões inconscientes.

Através da implementação da Ação Psicopedagógica, conseguimos alcançar ótimos resultados na área da escrita, em que Vitor apresentava dificuldades com as “surdas sonoras” *P/B, C/G e J/G -> CH/X*. Atualmente, ele continua realizando pequenas trocas, no entanto com uma frequência muito menor. As suas dificuldades em interpretação de histórias matemáticas – mencionadas pela professora titular – mostraram que seus problemas não estavam apenas na área da interpretação, mas também em fatores que são pré-condições para ela, como a tabuada. Apesar de não terem sido o foco de meu trabalho com o Vitor, houve algumas melhoras nesta área, e acredito que, se isso continuar sendo trabalhado com ele, há muitas chances de que ele evolua ainda mais nesse sentido.

Quanto ao Vitor e sua professora, esta experiência deixou ainda mais clara para mim a importância de uma boa relação entre o ensinante e o seu aprendiz. A relação entre ambos é realmente muito boa, o que o deixa menos ansioso e mais à vontade em sala de aula, algo que claramente tem grande impacto em sua aprendizagem. Ela se esforça para ajudá-lo como pode e ele a tem como alguém em quem se pode confiar, a quem não tem receio nem medo de buscar ajuda nos casos de dúvidas e incertezas. Essa troca sincera de afeto e respeito é fundamental ao longo do processo de escolarização.

A escola em si também é muito participativa e consciente. Partiu deles a ideia de que Vitor buscasse o apoio especializado de uma psicopedagoga e, quando expliquei que o foco do meu TCC seria ajudar este aluno, fui muito bem recebida pela coordenação e direção que deixaram claro que poderia procurá-las para tudo que precisasse.

Ainda assim, considerando a complexidade dos fatores envolvidos na situação entre Vitor e seus colegas, acredito haver mais ações que a escola possa tomar para ajudar não apenas este aluno, mas todos os outros também, já que tratar da tolerância do ser humano ao que é diferente é um dos fatores de base da construção da cidadania. Afinal, esta seria uma situação ideal para tratar, por meio de palestras com os pais, conversas dos alunos com profissionais especializados, abordando sobre a importância de educar as crianças de forma

que entendam e aprendam a respeitar as diferenças intrínsecas aos seres humanos, ao indivíduo. É crucial percebermos que esta questão deve ser trabalhada já na infância, dado que *“nenhum indivíduo nasce homem, mas constitui-se e se produz como tal, dentro do projeto de humanidade do seu grupo social, num processo contínuo de passagem da natureza para a cultura”* (DAYRELL, 1996, p. 6).

Acredito que, mesmo que ainda haja bastante a ser trabalhado não apenas com o Vitor, mas com seus colegas, os meus objetivos foram alcançados, já que, além de uma melhora na aprendizagem, a sua relação com a turma também apresentou melhoras, segundo sua professora, seus colegas o estão aceitando melhor, ela diz que as chacotas quando a turma está com as outras professoras também parecem ter diminuído. Isto me deixou muito feliz, já que acredito que talvez o fato de o Vitor estar recebendo esta atenção direcionada tenha permitido a ele se sentir acolhido, respeitado e valorizado, o que resultou em uma melhora em sua autoestima e, conseqüentemente, na relação entre ele e seus colegas.

Mas este processo não foi apenas benéfico para o Vitor, foi também muito gratificante para mim. Não apenas por eu ter podido aprender, na prática, tudo que havia estudado sobre *bullying* e as diversas causas das dificuldades de aprendizagem, mas também por eu ter podido presenciar a sua evolução, a alegria que ele sentiu quando se percebeu entendendo melhor as questões de matemática e errando menos nos ditados de português. Ao final da última sessão, principalmente, este alívio e gratidão demonstrados por ele em compreender uma matéria me emocionou. Exatamente por eu ter convicção da importância desta ação mais direcionada para ele e de que ainda há bastante a ser feito neste caso, me propus a dar continuidade a este trabalho mesmo que as atividades pensadas e relatadas no presente trabalho já tenham sido finalizadas. Tomei esta decisão por não achar justo, nem mesmo correto, abandonar um menino que está apresentando melhoras significativas apenas por ter encerrado um trabalho. Mantereí os encontros até onde conseguir conciliar a minha rotina com a dele ou até perceber que Vitor está pronto para seguir sozinho o seu caminho.

REFERÊNCIAS

- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : Adaptações Curriculares / Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC / SEF/SEESP, 1998. Disponível em: <http://200.156.28.7/Nucleus/media/common/Downloads_PCN.PDF> Acesso em: 04 de jun. 2013.
- CORSO, L. *Dificuldades de aprendizagem na educação Infantil*. Pátio Educação Infantil, ano VI, março/jun 2008.
- DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. In: Juarez Dayrell. (Org.). *Múltiplos Olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996, 194 p.
- DORNELES, B. V. Psicopedagogia. In: DSM-IV: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Coord. de Miguel R. Jorge. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FREUD, A. O ego e os mecanismos de defesa. Rio de Janeiro: Bup, 1968. 189 p
- GOLA, M. DE F. M. *Instrumentos Psicopedagógicos para conhecimento do sujeito que não aprende*. In: Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 18, n. 49, p. 55–56, 1999.
- GOLBERT, C.; MOOJEN, S. Dificuldades na Aprendizagem Escolar. In: SUKIENNIK, P. (Org). *O aluno problema: transtornos emocionais de crianças e adolescentes*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- LEMONS, A. C. M. *Uma visão psicopedagógica do bullying escolar*. In: Revista Psicopedagogia, São Paulo, v. 24, n. 73, p. 68–75, 2007.
- MARCHESE, A. Alunos com dificuldades de aprendizagem. IN: MARCHESE, A. *O que será de nós, os maus alunos?*POA: Artmed, 2006, p. 31-58.
- MOOJEN, S. Dificuldades ou transtornos de aprendizagem? In: RUBINSTEIN, E (org.) *Psicopedagogia – Uma Prática, Diferentes Estilos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, p. 243 – 284.
- MOOJEN, S. *A escrita ortográfica na escola e na clínica: teoria, avaliação e tratamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- MOOJEN, S.; DORNELES, B.; COSTA, A. Avaliação Psicopedagógica no TDAH. In: ROHDE, L.A.; MATTOS, P. (cols). *Princípios e práticas em TDAH*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MOOJEN, S.; LAMPRECHT, R.; SANTOS, R. et al. *CONFIAS - Consciência fonológica instrumento de avaliação sequencial*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

OLIVEIRA, V. *Abordagem psicopedagógica em crianças com distúrbios de aprendizagem*. In: Revista Psicopedagogia. São Paulo, Vol. 12, n. 26 (set. 1993), p. 26-28.

PAIN, S. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ROTH, Otavio. *Duas dúzias de coisinhas à-toa que deixam a gente feliz*. São Paulo: Ática, 2000.

SANCHEZ, E. A. *Linguagem Escrita e Suas Dificuldades: uma visão integradora*. In: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALÁCIO, J. (Org). *Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 90 – 112.

SANTOS, C. S. R. *Bullying: a face silenciosa da violência entre estudantes*. 2012. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (Especialização em Psicologia Escolar) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2012.

SCOZ, B. *Psicopedagogia e Realidade Escolar: o problema escolar de aprendizagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, 176 p.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: SE/RS, 2009.

WEINBERG, C. *O gato comeu: algumas considerações sobre a função terapêutica da escrita*. In: RUBINSTEIN, E. (Org.). *Psicopedagogia: uma prática, diferentes estilos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, p. 81-105.

ANEXOS

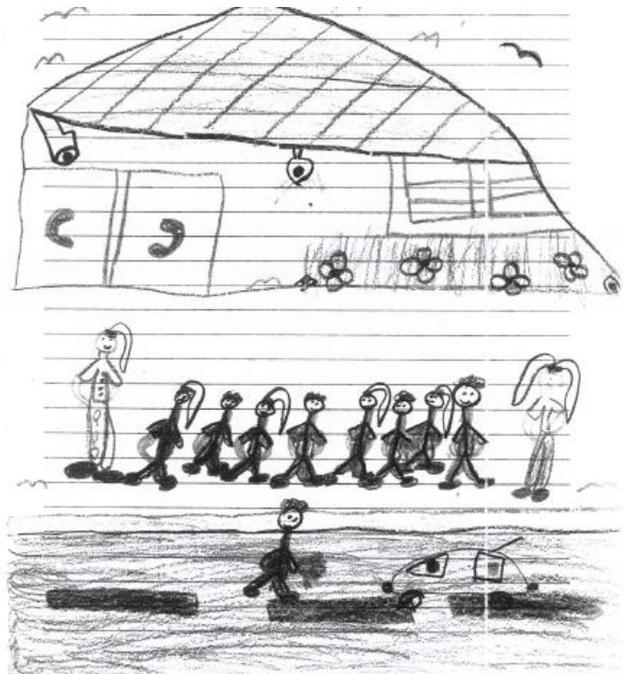
ANEXO I – Par Educativo de uma pessoa que ensina e outra que aprende, nos anos de 2012 e 2013, respectivamente.



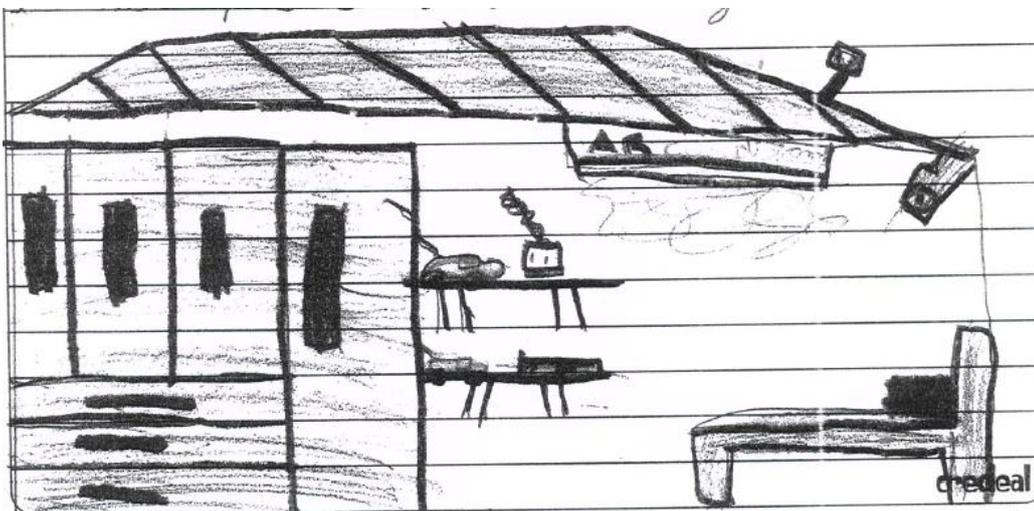
ANEXO II – Desenhos retratados de ambientes externos à escola nos anos de 2012 e 2013 em que as câmeras também estão presentes.



Desenho entregue de presente para mim em 2012



Desenho solicitado em sala de aula a respeito de um passeio feito pela cidade. (2013)



Desenho solicitado em sala de aula com a temática "meu quarto". (2013)